

ILUSTRAÇÃO



1.º ANO — Número 17

Lisboa, 1 de Setembro de 1926

PREÇO 4,00

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



"De Reszke" Cigarettes

À venda em todas as melhores tabacarias

Depositários gerais para Portugal: **H. MITCHELL L.^{da}**

LISBOA

Depositários para o Norte de Portugal: **M^oCRORIE & COUTO L.^{da}**

PORTO

MATERIAL ESCOLAR

Fornecemos ao preço dos fabricantes toda a qualidade de material escolar em grandes e pequenas quantidades, tais como: Estójos para desenho, reguas, quadros, esquadros, pedras, quadros em pedra, canetas, lapis, tinta, borrachas, etc., etc. Os pedidos deste material para fóra do Continente Português devem vir sempre acompanhados da respectiva importância.

Glóbos Geográficos — *Glôbo Celeste*, montado sobre pé de bronze, Escudos 170000. *Glóbos Terrestres*, Idem, 0^m,45 diâmetro, Esc. 230000 — 0^m,33 diâmetro, Esc. 170000 — 0^m,16 diâmetro, Esc. 45000 — 0^m,08 diâmetro, Esc. 20000. *Glóbos Terrestres* (com meridiano), montados sobre pé de bronze, 0^m,33 diâmetro, Esc. 230000.

Mapas Parietais — Das cinco partes do mundo, por *J. Monteiro*, em folhas de 1^m,35 × 1^m,10.

Europa — Africa — América do Norte — América do Sul — Oceania — Mapa Mundi.

Cada Mapa em folhas 15000

Pedidos aos livreiros-editores **AILLAUD, LIMITADA**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Junto ao mar rejuvenesce-se !

Onde é que :

vo sos filhos se pôdem cobrir de fina areia ?
vossos filhos se banham encantados ?
vossos filhos constroem seus castelos de areia ?
vossos filhos se tornam mais fortes ?
vossos filhos brincam nús, ao sol criador ?
toda a gente se sente tão jovem como vossos filhos ?

É junto ao mar, onde, conquistados pelo ambiente, vos abandonais ainda aos alegres transportes da juventude.

A alegria só dura nas fotografias "Kodak"

E estes instantes de verdadeira felicidade são tão raros e tão fugidios, que seria quasi un crime deixar que se perdessem para sempre.

Só um "Kodak" pôde fixar estas scenas em interessantes fotografias ; mostrando-as, fareis com que, os vossos amigos, partilhem da alegria das vossas férias, ao mesmo tempo que reviveréis esses momentos de encantadora felicidade.

Férias sem "Kodak" esquecem depressa.

Em qualquer boa casa de artigos fotográficos encontrareis uma pessoa competente que com prazer vos mostrará os diferentes modelos de "Kodaks" ajudando-vos na escolha do modelo que melhor vos servirá.

"Kodaks Vest Pocket", desde. 100 \$ 00.
"Kodaks Autográficos", desde. 265 \$ 00.

"Brownies Dobradiços", desde. 200 \$ 00.
"Brownies" de Caixa, desde. 50 \$ 00.

O que é um "Kodak".

Não julgueis que qualquer aparelho fotográfico é um "Kodak". O nome "Kodak" é a marca registada da Companhia Kodak, e só pôde ser legalmente usado para designar aparelhos fabricados por esta Companhia.

Exija Pelicula "Kodak".

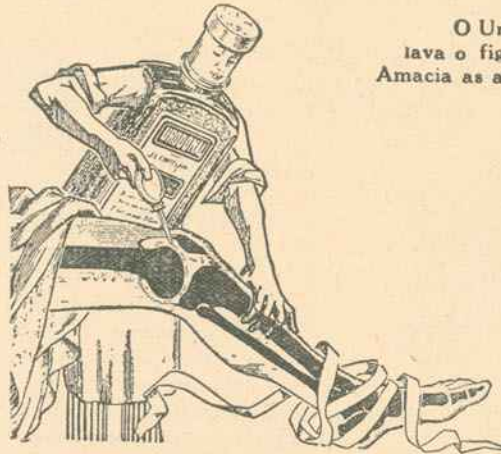
Lembraí-vos que nunca mais podereis repetir as fotografias destas férias. Para garantir bons resultados exiji sempre Pelicula "Kodak" - em embalagem amarela a unica com que podeis sempre contar.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.

URODONAL

combate o reumatismo

Gota
Eczema
Arterio-
Esclerose
Obesidade



O Urodonal limpe o rim,
lava o fígado e as articulações.
Amacia as artérias e evita a obesidade.

O URODONAL é anti-ártrico incontestado e incontestável sempre tolerado e sempre útil. Como o artrismo compreende, citando, só as afecções mais conhecidas, a dyspepsia, a gota, as areias, a obesidade, a diabetes o reumatismo, a neurastenia, devendo considerar-se ainda qualquer acidente produzido por infecção e intoxicação actuando há muito, vemos quanto é vasto o meio de acção do URODONAL, este grande regulador da finidez do sangue e dos humores constantemente engrossados e concentrados nos artríticos.

Dr. MARIN.

Laureado da Faculdade de Medicina de Lyon, ex-interno de Hospitais da Maternidade.

COMMUNICAÇÕES
Acad. de Medicina de Paris, 10 de Nov. 1908.
Acad. de Sciencias de Paris, 14 de Dez. 1908.

Établissements Chatelain
15 GRANDS PRIX
Fornecedores dos Hospitais de
Paris, a bis, rue de Valenciennes.
PARIS

O URODONAL assegura o funcionamento das articulações.

A. VINCENT, L^{DA}—CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS—RUA IVENS, 56—TEL. 1858 U.

CONTRA OS MOSQUITOS

A' venda em todas as farmácias



Drogarias, perfumarias, etc.

Numerosas medalhas nas exposições

CONCESSIONARIOS:

A. VINCENT, LIMITADA

Rua Ivens, 56—LISBOA—Telefone C. 1858

VOTRE DENTIFRICE

celui que vous pouvez choisir en toute confiance parce qu'il vous est vendu avec un numéro de garantie réelle et échangé sans discussion au cas de non convenance

LE
SAVON DENTIFRICE
des
RR.PP. BÉNÉDICTINS de SOULAC

Donne des dents divines

AS MEIAS de LINHO
PRINTEMPS
rão de qualidade
---GARANTIDA---
Venda exclusiva
AU PRINTEMPS. R. Ivens 56-LISBOA

ROYAL WINDSOR

Restitue aos Cabellos a sua cor primitiva.

Á VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS e DROGARIAS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 1.º — NÚMERO 17

1 DE SETEMBRO DE 1926



NO CONCURSO DE TIRO DE SANTANDER: S. M. AFONSO XIII CONVERSANDO COM OS OFICIAIS DA «ÉQUIPE» PORTUGUESA

MRS. RIGNOT E ROUSSI, QUE, NUM ÚNICO VÔO DE PARIS A ALVERCA, VIERAM HÁ DIAS VISITAR OS NOSSOS AVIADORES, EFECTUANDO A VIAGEM DE REGRESSO COM ÊXITO IGUAL. — O MARQUÊS DE PINHO, CÉLEBRE «AS» DA AVIAÇÃO NAVAL ITALIANA, PERCORRENDO, DESDE HÁ MESES, A EUROPA PELO AR, LISBOA É UM DOS PONTOS DO SEU ITINERÁRIO

CRÓNICA DA QUINZENA

No dia 14 de agosto comemorou-se a batalha de Aljubarrota (1385) que na história do povo português marca o termo de uma era e o início de outra, o fim da adolescência e a entrada na idade viril. Lástima é que esta comemoração não fôsse muito além das manifestações oficiais; que de norte a sul, e de leste a oeste, a nação inteira, tôdas as classes da sociedade, não rememorassem comovidamente essa extraordinária revolução dos fins do século XIV em que, pela primeira vez na vida portuguesa, o povo, e não somente o rei, os bispos e os barões, pisa o pulco da história, sem ser como comparsa.

A subida de D. Fernando ao trono abre na história de Portugal uma tremenda crise que só termina com a vitória de Aljubarrota. Não há a menor sombra de hipérbole nos versos de Camões que se referem ao seu reinado:

*Do justo e duro Pedro nasce o brando
(Vêde da natureza o desconcerto!)
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino põe em muito aperto;
Que vindo o Castelhana devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o reino totalmente:
Que um fraco rei faz fraca a forte gente.*
(Lusiadas, canto III, est. 138.)

A fraqueza de carácter de D. Fernando, a sua inconstância, a sua desastrosa política externa, sem embargo de uma inteligente política comercial e marítima; o seu casamento com Leonor Teles; a perversidade e o comportamento escandaloso desta mulher sem vergonha; a ambição de se sentar no trono de Castela, ambição que em monarca de mais envergadura seria admissível, mas que em D. Fernando era estulta; as vergonhosas guerras com Castela, e, por fim, a mão da princesa Beatriz cedida ao rei castelhano, tudo isto criara no corpo da nação um profundo mal-estar, e, por morte de D. Fernando, a revolução, que só não rebentára antes pelo muito respeito que o povo tributava aos seus reis, principiou a desenhar-se.

Falto de uma cabeça dirigente, o povo agita-se, inquieto, desorientado. Na aclamação de D. Beatriz os votos das cidades manifestam-se desencontrados; muitos são pelo infante D. João, ou pelo infante D. Denis, ambos filhos de D. Pedro e D. Inês de Castro; no que todos, porém, são unânimes é em rejeitar o castelhano: «Arreal, arreal, por Portugal!» é o grito da nação.

A regência de Leonor Teles não agrada a muitos e a insurreição rebenta. Morto o conde de Andeiro às mãos do mestre de Avis, a rainha, refugiada em Santarém, chama em seu socorro o rei de Castela, e levanta um exército com auxílio da fidalguia que na maior parte segue o

seu partido. O resto é pelo infante D. João; mas o povo, agora, na quasi totalidade, é pelo mestre de Avis. Num momento, êle hesita, mas o povo quer um Messias, e já se sente com forças para impôr a sua vontade.

As combinações saloias de Álvaro Pais não se adequavam à grandeza dos acontecimentos; para interpretar as inspirações da nação necessitava-se de outra espécie de homens. São êles Nun'Alvares, o cavaleiro medieval e João das Regras, o «Grão-doctor». O mestre de Avis é agora o «defensor do reino», e os dois tomam conta, um da guerra, e o outra da política.

D. João de Castela invade Portugal, e põe cerco a Lisboa. Os sitiados resistem valentemente; sofrem-se já os horrores da fome; súbito uma peste ataca o exército sitiante, atinge a rainha de Castela, e o rei levanta o cerco. O povo vê nisto o sinal de uma protecção divina. Recobrados, os portugueses infligem aos castelhanos a derrota dos Atoleiros.

É necessário, agora, legalizar a situação do mestre de Avis. Reunem-se as côrtes de Coimbra. É a vez de João das Regras vencer em toda a linha, demonstrar a evidência que nem o rei castelhano, nem os filhos de D. Pedro e D. Inês podem pretender o trono de Portugal. O trono é declarado vago, e as côrtes, por unanimidade, elegem rei o mestre de Avis. Faltava a sanção do Deus das batalhas. Deus a Aljubarrota; ela consolidou a independência de Portugal e alicerçou o trono do primeiro rei da dinastia de Avis. Encerrou-se o periodo de formação da nação portuguesa, vai iniciar-se o da sua expansão.

Portugal, já não é apenas um aglomerado de povoações enfileiradas pelo braço do seu rei, não possuindo outra consciência colectiva, outro designio colectivo senão o dêle; já não é um senhorio irrequieto e rebelde. Tendo-se extendido para o sul, acrescentado com novas terras e novas gentes, completo geográficamente, liberto dos laços de vassalagem que primitivamente o prendiam a Leão e a Roma, tendo iniciado já a sua organização interna e de posse de uma capital — Lisboa — as recordações das lutas em comum, dos sofrimentos e regosijos experimentados em comum, a vontade de continuarem a viver juntos, juntos correrem os mesmos riscos, e seguirem os mesmos destinos, tinham feito desta porção occidental da Península, — uma nação, — quando os outros povos da Europa andavam ainda, cada um, à procura, do centro em torno do qual se havia de formar a sua unidade.

Foi um bem, foi um mal esta precocidade de desenvolvimento?

Seja como fôr, o destino de Portugal foi êste e não vale a pena devanear sobre o que poderia ter sido.

Poucos dias antes de se comemorar a batalha de Aljubarrota tinha-se feito a extranha comemoração da batalha de Ourique, travada, segundo os historiadores, em 25 de julho de 1139, vinte léguas ao sul de Beja, mas que agora se decretou ter sido no Cartaxo.

Depois dos aturados trabalhos de Alexandre Herculano sobre êste assunto, trabalhos que acabaram por convencer, sem deixar a menor dúvida, os historiadores nacionais e estrangeiros, todos nós estávamos persuadidos de que a famosa batalha de Ourique nenhuma importância tinha tido para a independência de Portugal, pois que esta independência, nos primeiros tempos, toda ela girou em torno da suserania, primeiro do rei de Leão, depois de Afonso VII, e por último do papa; de que todos os esforços do conde Henrique, de D. Tereza, e de Afonso Henriques, se despenderam em quebrar essa vassalagem; de que Ourique foi uma das muitas correrias que todos os anos os portugueses faziam pelas terras sarracenas e os sarracenos pelas terras portuguesas, somente mais atrevida do que as anteriores, mas com os mesmos resultados nulos no que respeita à conquista do território ou a independência do reino.

Por isso o decreto que mandou comemorar a batalha de Ourique causou a maior estranheza, dando lugar a comentários jocosos. Com effeito, não se trata aqui da infalibilidade de Alexandre Herculano; trata-se dos métodos rigorosos com que êle procedeu nas suas indagações, e chegou aos seus resultados, os quais, por consequente, só poderiam ser infirmados por quem, com os mesmos métodos rigorosos renovasse estas indagações e as submettesse às corporações scientificas que para o caso tem competência. Ora, nada disto se fez.

As lendas são coisas veneráveis, e como objecto de estudo, interessantes, no que respeita à sua genese, e não é bem que sobre elas se faça cair a carapuça do ridiculo. Mas para isso é necessário tratá-las com mão piedosa, como lendas que são, como crenças ingênuas da alma popular, e não como factos históricos, porque então o povo, irreverente, chama-lhes «patranhas», e ri-se.

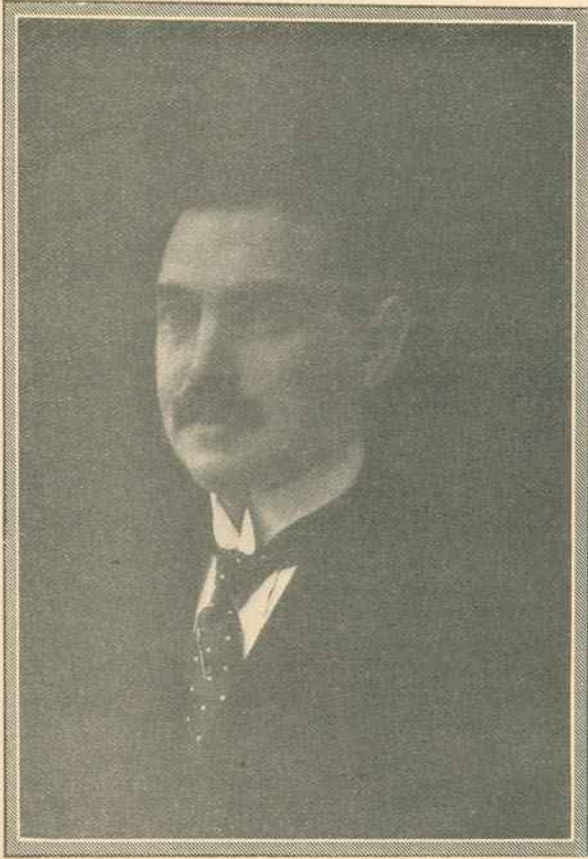
JOSÉ DE MAGALHÃES.

A TRICROMIA REPRODUZIDA

Sousa Pinto, o pintor de excellentes recursos que disfruta hoje, senão maior, pelo menos tão firme renome nos meios artísticos estrangeiros como nos de Portugal, volta neste n.º a enriquecer a nossa collecção de tricromias, precisamente inaugurada com o *Molhado até aos ossos*, também da autoria do seu pincel exímio. Em *O barco desagraviado*, que o Museu de Arte Contemporânea adquiriu pelo legado Valmor, o acabado de execução é inexcêdível, e singularmente comunicativa a emoção do assunto, tão bem expressa nas duas doloridas mulheres que se quodam perante o mar imenso, onde se sumiu, talvez para sempre, a preciosa vida dum ente estremeçado.

ACTUALIDADES

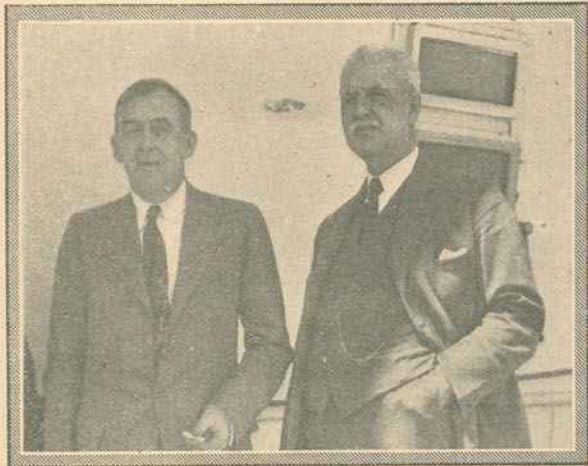
LISBOA



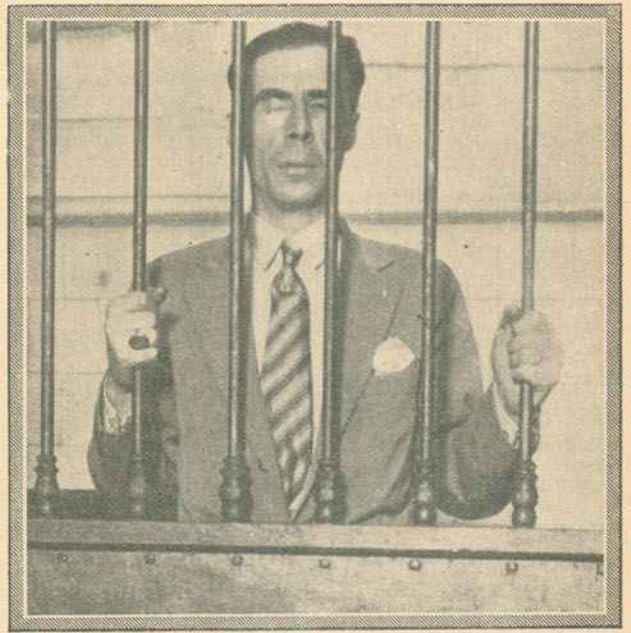
O sr. dr. Luciano Pereira da Silva, eminente vulto da ciência portuguesa e nosso colaborador, agora falecido em Caminha.



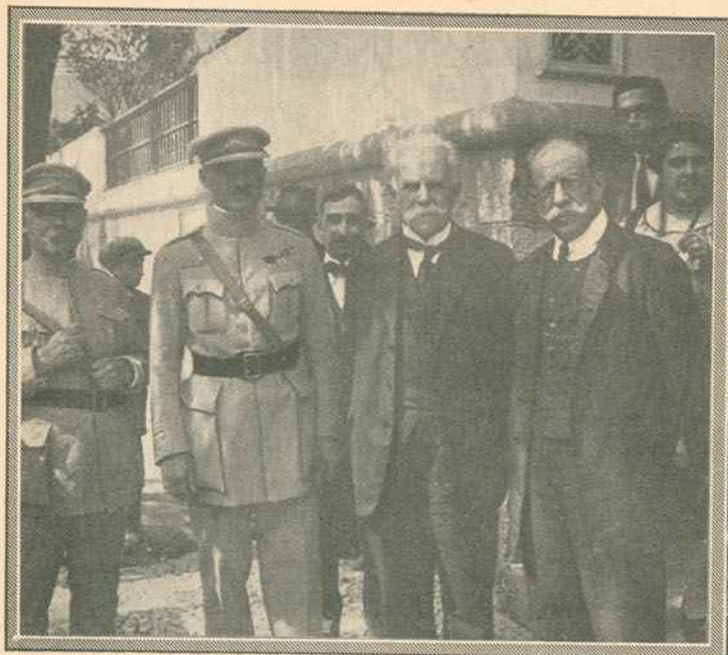
O sr. dr. Pedroso Rodrigues, uma das mais consideradas figuras do nosso corpo consular, a quem o governo português, honrando a sua inteligência, acaba de confiar um posto mais importante na grande República Brasileira.



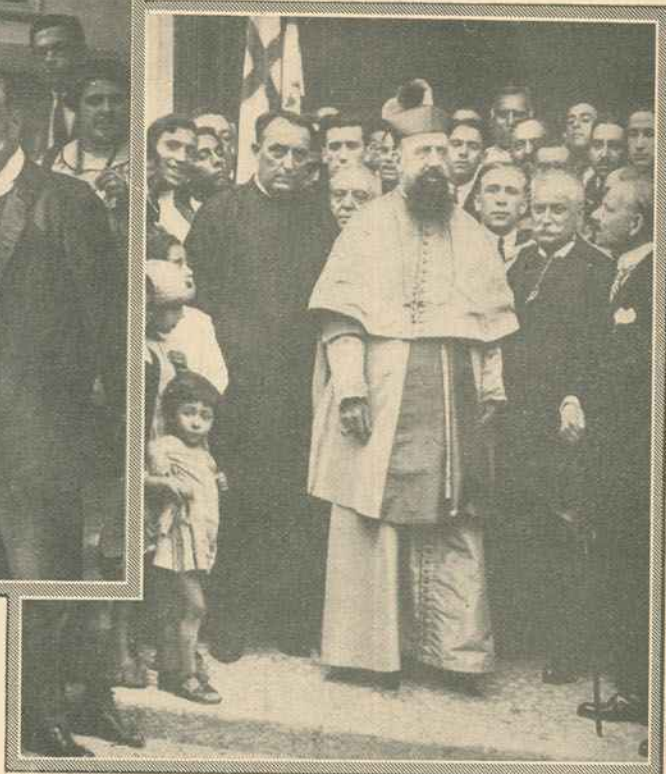
O senador norte-americano, sr. David A. Reed, que há dias esteve no Tejo, a bordo do «Martha Washington», tendo á sua esquerda o sr. Guilherme Pinto Basto. A acção deste quatro-homens público foi sobremodo notável nos anos da Grande Guerra, quer nos campos de batalha, quer nas tribunas parlamentares, onde se mostrou um implacável adversário do Presidente Wilson.



A ferros da República, numa prisão do Governo Civil: o director do diário «A Informação», sr. Homem Cristo Filho, que depois foi mandado pôr na fronteira.



Na abertura das novas salas do Museu Rafael Bordalo Pinheiro: o sr. Cruz Magalhães, seu generoso e inteligente instituidor, tendo à direita o sr. Magalhães Lima e os membros da Comissão Administrativa do Município de Lisboa que foram assistir à cerimónia. Esta exposição permanente dos trabalhos do insigne artista da caricatura representa a maior homenagem que pode ser prestada ao seu fúlgido talento. Organizando-a e mantendo-a, o sr. Cruz Magalhães adquiriu jus aos maiores louvores



O sr. Bispo de Trajanopolis saindo da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, onde é venerada a imagem do Santo-Condéstavel, depois do solene «Te-Deum» comemorativo da Batalha de Aljubarrota ali celebrado no dia 14 de Agosto



A inauguração do novo gabinete da Imprensa no edifício do Governo Civil de Lisboa: a assistência ao acto entre a qual se notam alguns dos mais marcantes vultos do jornalismo da capital

O «DIA DO BOMBEIRO»

Onde a existência do nosso semelhante corra perigo, seja num desmoronamento, seja numa inundação, seja num incêndio, — ei-los, prestos e heróicos, os bombeiros, êsses soldados do sacrifício, cujo lema traduz à justa a sôbre-humana coragem e o excelso altruismo que a sua arriscada missão implica. O bombeiro português merece ser apontado como símbolo dessas virtudes, pois, em arrojô e também em disciplina, poderão os seus camaradas dos outros países igualá-lo, mas nunca excedê-lo. A história dos seus feitos, quer se trate dos municipais quer dos voluntários, está repleta de páginas de ofuscante brilho, que dão consôlo e orgulho relembra. Sabe-o bem o nosso povo, e por isso não lhes nega reconhecimento, nem se furta a assistir às festividades e cerimônias que se prendam com a vida dessas prestimosas corporações. Mais uma vez assim sucedeu em 15 de Agosto findo, designado pelo «Dia do Bombeiro», por ser o que elas escolheram para confraternizarem entre si e prestarem culto aos seus mortos. Distribuição de medalhas, banquetes, simulacro de incêndio, romagens fúnebres, a todos êsses números da comemoração aludida levou um público numeroso o seu piedoso respeito e o seu espontâneo entusiasmo.



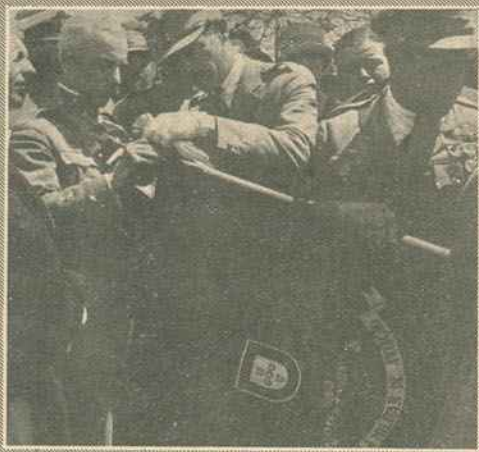
O comandante dos bombeiros municipais, sr. capitão Rodrigues Alves, condecorando com a medalha de ouro de exemplar comportamento o chefe Inácio António Tôrres, que já excedeu 30 anos de serviço

Os convivas do banquete de confraternização, efectuado no *Restaurant Lavares*

Na sessão solene do lançamento da primeira pedra para o monumento no cemitério do Alto de S. João: a leitura do ato

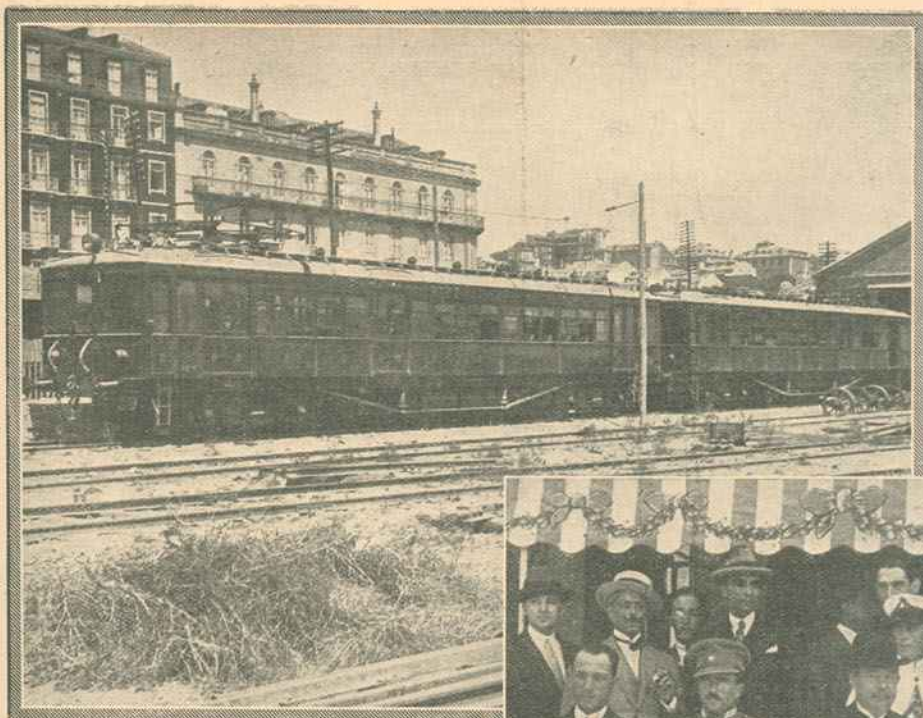
ILUSTRAÇÃO

NOSSA SENHORA DO AR PADROEIRA DA AVIAÇÃO PORTUGUESA



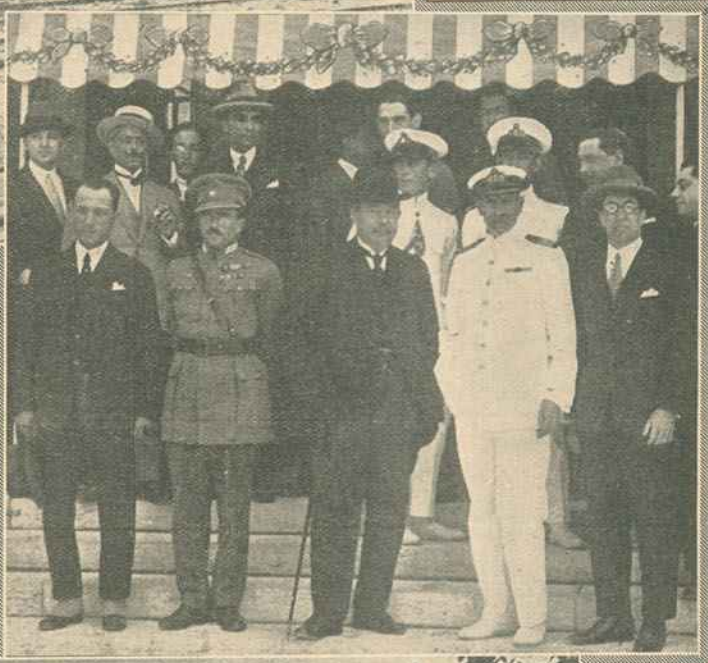
Na festa efectuada na Granja do Marquês, em Sintra, em que Sua Eminência o sr. Cardeal Patriarca benzeu solenemente uma imagem da padroeira dos nossos aviadores e o estandarte que a estes foi oferecido por uma comissão de senhoras

Em cima: Um aparelho voando sobre o campo. — À esquerda: O sr. Cardeal Patriarca fazendo entrega da bandeira ao sr. general Carmona. — À direita: O sr. Presidente do Governo enfiando o estandarte na lança. — Em baixo: O cortejo que conduziu a bandeira da capelinha, agora reaberta ao público sob aquela invocação, para a sede da Esquadriha



A ELECTRIFICAÇÃO DA LINHA DE LISBOA A CASCAIS

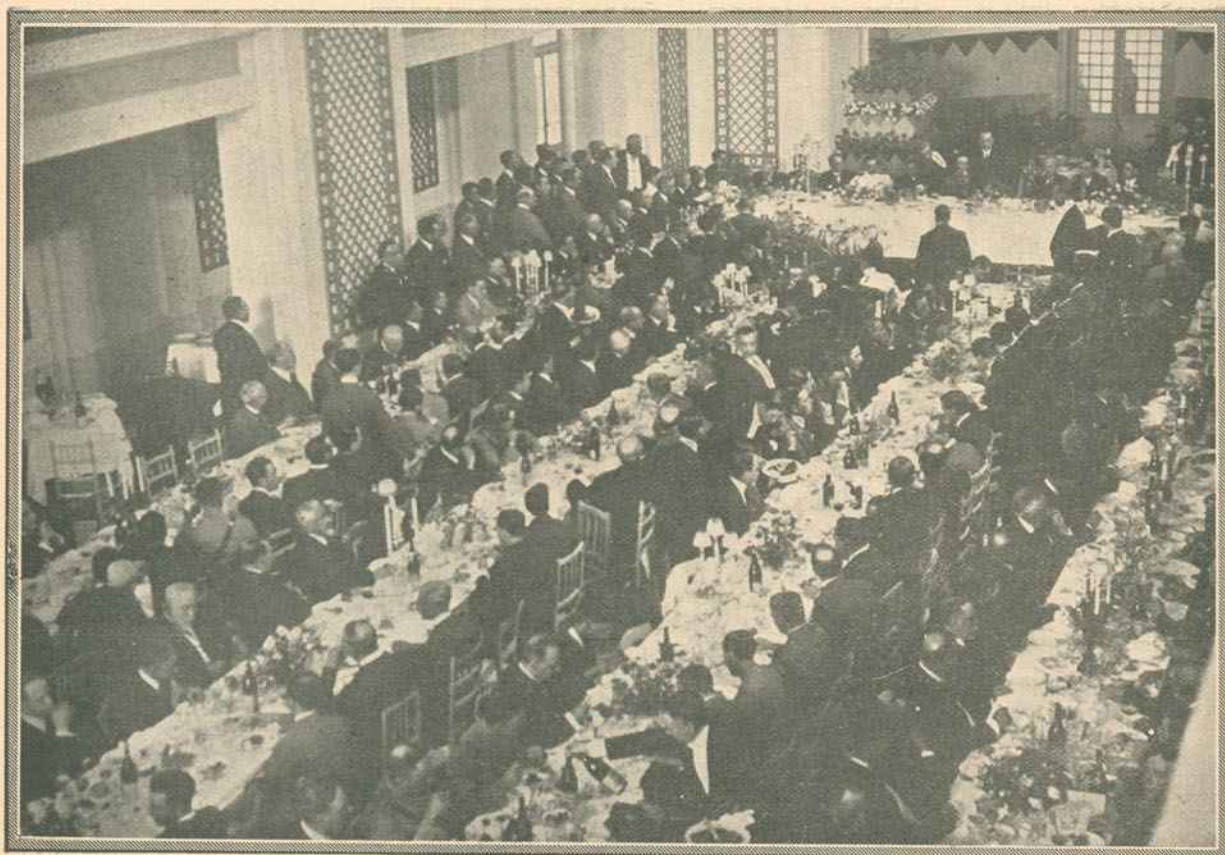
ASSUMIU foros de acontecimento notável a inauguração do serviço eléctrico na linha que serve os Estoril e Cascais, região que anda inscrita nos roteiros de turismo com caracteres dos mais grados e sugestivos, e em que tudo, de facto, concorre para se tornar num centro de atracção mundial. Na verdade, o empreendimento excede muito e muito a habitual craveira das iniciativas portuguesas no tempo de hoje: muita energia, muita pertinácia e uma soma de dinheiro que atingiu milhares de contos, foram necessários para a levar a cabo. Aos srs. Fausto de Figueiredo e Carreira de Sousa, os supremos animadores desta obra arrojada, expressa a nossa revista, por tal motivo, as suas sinceras homenagens.



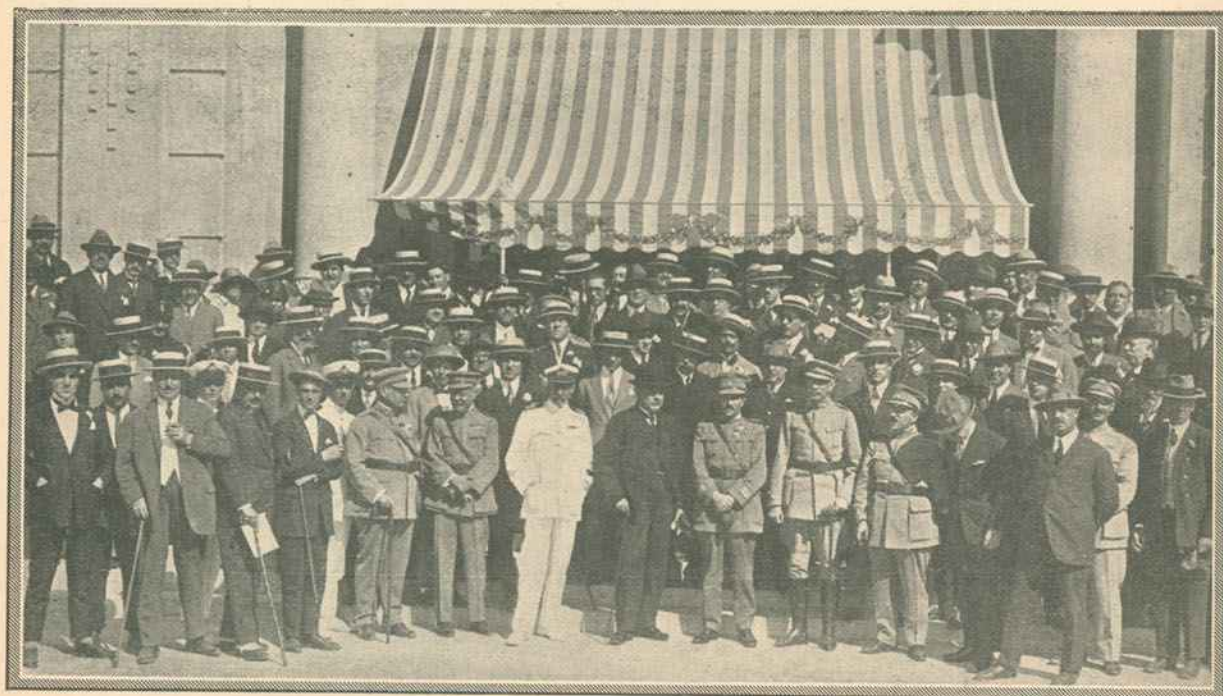
As confortáveis carruagens empregadas no novo serviço de viação

O sr. Fausto de Figueiredo (o primeiro á esquerda no plano da frente) acompanhado de alguns dos ministros e outros convidados da Sociedade Estoril

Na estação do Monte-Estóril, edificio com belo aspecto architectónico, após a chegada do comboio com os convidados



Aspecto do banquete oferecido pela Sociedade Estoril no hall do estabelecimento balnear no momento em que proferia o seu discurso o sr. Fausto de Figueiredo



Os membros do governo que assistiram ao banquete e mais convidados, reunidos em frente das objectivas dos fotógrafos

(Clichés Serra Ribeiro)



A Sedução da Praia

A sedução da praia começa a luzir em promessa com as fogueiras bailadoras do S. João, e queima-se, estertoriza, no magusto de Todos-os-Santos. Vive, portanto, luminosamente, ao maior chispar do sol, entre as chamas festivas que celebram os prenúncios do calor e as que anunciam, estalidentes de castanhas, a chegada do inverno.

Dizer praia é dizer verão. De meados de Julho a fins de Outubro, o mar toma conta de uma boa parte da humanidade, que vai repousar à sua beira, encharcando-se de água salgada, ou limitando-se — os grévistas do banho! — a respirar as emanções do imenso reservatório de energia.

É sempre belo o mar amigo, mas só o solstício estival tem artes de lhe abrandar o gênio um pouco áspero. As praias existem todo o ano. O estio, porém, é o ardente forjador desse sonho de tranquilidade vivificante, de animador bem estar, a que chamamos «a praia» — rival azul do campo verde e da montanha arroxeadada!

Nem tôdas as serranias se mostram acolhedoras. No campo, o maior quinhão de prazer cabe aos donos das quintas ou aos seus hóspedes. A praia, essa, é de todos, e não repele ninguém.

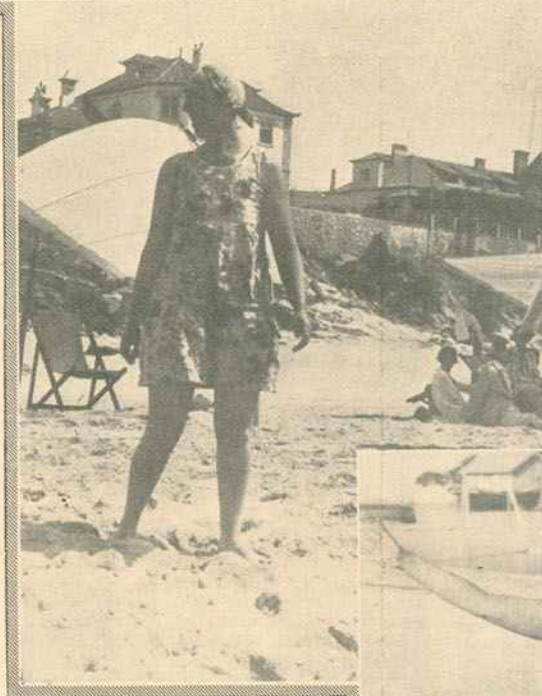
Comunista, a areia é muito mais rebelde à propriedade privada do que a terra. Sem requerer os trabalhos que esta exige, apresenta curiosos caracteres a sua obra criadora, que não serve simplesmente para o frágil arquitectar dos castelos da ilusão.

Do conúbio com as ondas, tira a areia, em sortes de magia, fecundidades triunfantes. Como a terra, sua competidora, se cobre de flôres na primavera, a praia, chegado o tempo dos banhos — primavera do mar! — floresce deslumbrante, insperadamente. O areal, vasto, êrmo, uniforme, converte-se, da noite à manhã, numa cidadezinha vistosa e povoada, cheia de tendas brancas, toldos riscados, mulheres, petizada, gente, movimento, algazarra.

Enquanto os jardins, à força de cuidados, amanhecem com as mesmas flôres nos mesmos canteiros, a praia, que era um descampado e uma solidão húmida, ostenta, em rasgo genial, entre risos de carne e folguedos da espuma, um jardim de formas e côres novas, frescas, movediças, superior à graça dos pomares, aos contornos da floresta, à fartura das searas.

Perto do mar, os jardins não se dão bem — dizem que por causa da marésia! Quem sabe se eles não fogem da costa por inveja despeitada?

Artista calhado no segrêdo das marés, o mar há-de sempre deleitar os artistas, por êsse caprichoso tino de improvisar, de súbito, para a efemeridade, os seus quadros magníficos e as suas admiráveis esculturas, desentranhando, ao sabor da excelsa fantasia, as delícias melhores para nossos olhos.



Uma banhista estrangeira

—mar é crime de lesa-natureza.

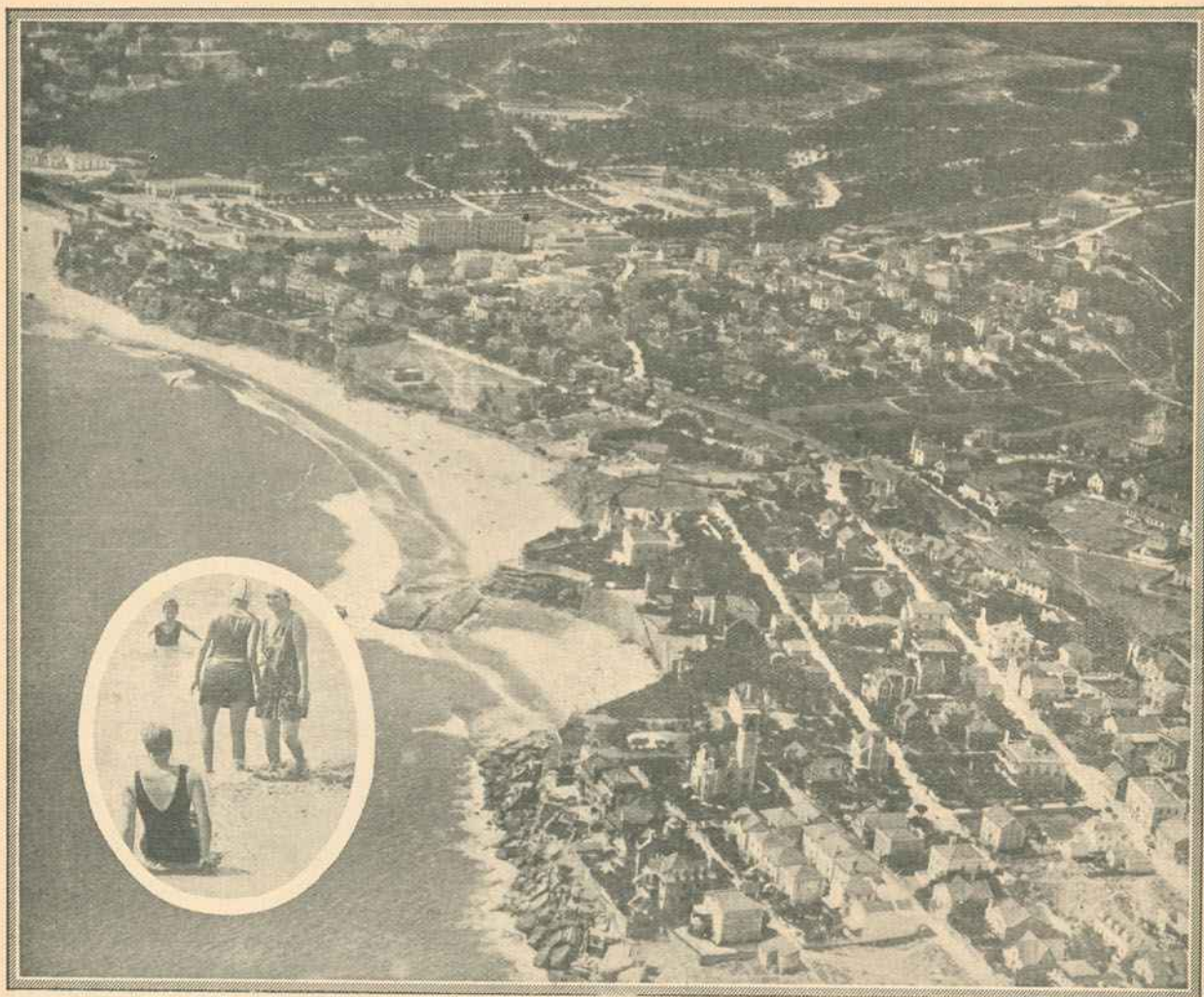
Tanto faz esta como aquela praia. São tôdas noivas do mar — sultão insaciável! Pode haver preferências; não se admitem banimentos. Haja, para os exclusivistas, a sultana predilecta e amimada, mas que a ronda das subalternas tenha também direito a um galanteio fugidio!

Magestosas ou humildes, obscuras ou afamadas, vastas ou pequenas, as praias tôdas são de estimar e atrair: quer as praias arrabaldeiras, que, perto das cidades, oferecem generoso refrigério aos que não



Alegria à beira-mar

A norma do mar é a beleza. De aí ser necessário não a perder de vista, em facto ou em intenção, quando o destino nos põe, afortunadamente, em contacto com êle. Nunca está bem a fealdade, mas viver feiamente à beira-



Os Estoris, com a praia e o parque, vistos de aeroplano. — Cena da praia

(Glicê Serra Ribeiro)

podem ir mais longe; quer as praias burgos, com mais responsabilidades de conforto elegante; quer as isoladas e solitárias, de acesso mais difícil e maior à-vontade.

O encanto das praias, variado, é como o vário atractivo da mulher — praia do sonho masculino! Por isto ou por aquilo, pelo que revelam ou pelo

que disfarçam, por tudo ou por um nada, podem fazer alguém feliz... uns meses ou um dia, convidando-nos a reincidir ou a adiar a partida.

Se a mulher é a metade que falta ao nosso todo — e quantos todos teremos nós? — a praia pode também completar-nos agradavelmente a vida, nesta época canicular, que torna apeteçi-

vel o sorriso buliçoso das vagas, emprestando à areia tédida maciezas de epiderme.

O mar tem, em português, as quatro letras do amor.

Belo, unânimemente, o mar é, por temperamento, sincero. A beleza é preciso juntar, à borda da água, a sinceridade.



À hora do banho. — Gozando a praia





Animação



Sob o toldo

Nas termas, ainda se pode fingir, representar.

Na praia, devemos ser o que somos. Não se tolera a mentira. Custa a suportar o artifício. Impõe-se a naturalidade.

Assim como o ar marinho dá cabo dos retores da cidade, assim certos embustes e manhas cidadinas se modificam, anulam-se automaticamente, por obra do mar, inimigo da falsidade. A praia é escola de sinceros.

Viver belamente é viver com entusiasmo. O scepticismo, a tibieza, a apatia são começo de morte. Acelerando o sangue, chicoteando os nervos, o mar requinta a alegria de viver: alegria calma por vezes, suave, inconsciente, mas a alegria funda do organismo revigorado, sonhando embora o inobitvel, sem deixar de estar contente com a sua quotidiana obrigação.

No mar — dizia-me alguém — as penas, ou são vôo rinchado de gaivotas, ou se afogam.

Penas de ave, é claro, e as penas do coração, que a nova ortografia igualizou!...

Na procela, quando embarcado, o dever do homem é a serenidade. Habitando a praia, estivalmente, deve mostrar-se, deve sentir-se, jovial. Jovialidade que nada tem — está de ver!

— com a patética de certos apalhaçados cavaleiros que, nas praias, gostam de se salientar.

Estar triste na praia é bom para o inverno, quando os perigos do mar se desencadeiam ou adivinham. Tornando-o bonançaço — salvo o risco dos que perdem pé ou fôlego! — o verão decreta, para o mar, a confiança, a despreocupação satisfeita.

A calma florida do mar — o «leão raiv so» de Junqueiro — devemos corresponder com a plácida disposição dos dias felizes. Já lá vai o tempo das «tristezas à beira-mar», de Pinheiro Chagas.

Em matéria de jovialidade, há que reconhecer que o português não é dos primeiros. As suas apregoadas qualidades de navegador são superiores ao seu feitio de veraneante mazombo. Não sabe aproveitar, não valorizar, todos os encantos da praia, importando-se demasiadamente com o que os outros dizem e fazem.

A praia, para bem gozada ser, aconselha independência e liberdade. O pendor para a fiscalização da vida alheia e um exagerado medo do ridículo fazem com que a praia portuguesa se ressinta da falta de iniciativa individual e colectiva. Tem um ar vagamente confrangido, às vezes malquistado, e poucos são os que se atrevem a infringir as normas da maldizente semsaboria.

Registe-se — e louve-se! — que se têm feito progressos sensíveis, abençoaáveis, para melhor.

Deixou de ver-se aquele fúnebre espectáculo dos banhos antigos, em que ir para o mar parecia um caso desesperado de condenação. Desapareceram essas senhoras que, no tempo de Ramalho Ortigão, vinham ao banho enroladas num chaile, com uma manta pela cabeça. A pudibundice entrouxante, a vesga hipocrisia, batem em retirada. Há mais alacridade, mais desenvoltura.

Menos sistemáticas, ainda prevalecem, aqui ou além, algumas impertinências rabugentas. Não há muito, a respeito do fato alaranjado com que uma senhora estrangeira toma banho, ouvi, em Cai-água, uma dama de óculos afirmar, com o mais completo convencimento, que «aquilo será bom lá para fora, mas que as portuguesas, descendentes dos nautas imortais, deviam ir para o mar tódas tapadas». Afigura-se-lhe, portanto, indispensável que as suas patricias, sornamente trajadas, façam do banho uma penitência de farriocos — como se no Camões não houvesse também a Ilha dos Amores! Não me atrevi a indagar, mas ainda gostava de saber se a dita zeladora da tradição marinheira teria aprendido, pelo menos, a nadar.

Felizmente, a geração nova reage valorosamente contra semelhantes velharias. O passo que a moderna mulher portuguesa tem dado no caminho da desescravidão de preconceitos mor-



Manhã no Monte-Estori

Grupo de banhistas



Um curioso instantâneo

rinheiros é notável. Graças às raparigas de agora, tão censuradas, mas tão empreendedoras, as lindas praias de Portugal, desentristecendo-se, vão-se tornando o que merecem ser: arraiais garridos, fervorosos, de mocidade, saúde, alegria, desprendimento — festas de vida em frente à festa das ondas: das ondas que, ao contrário delas, tonstruadas pela moda, conservam suas cabeleiras de algas.

As «miúdas» vão subendo tratar o mar com mais brilhante intimidade, com mais franqueza e donaire. Repudiam o exemplo das avós sorumbáticas, que, em novas, se limitaram a olhá-lo desconfiadas ou suspirosas.

Já se sabe rir nas praias portuguesas. É outra a psicologia dos banhistas. Enjeita-se o sedentarismo. Procura-se enfeitar as horas.

Quando ocorreria, antigamente, a uma dessas respeitáveis e provincianas matronas, que nas praias armavam em vigias severas dos diversos ranchos, a pitoresca ideia que me expuseram, há dias, muito risonhos, uns vinte anos de saia pelo joelho? Segundo eles, o mar não representa a última palavra do arranjo. Para ser inteiramente admirável, o mar devia ser dividido em dois ou três compartimentos, de maneira a se poder esvaziar e limpar uma vez por outra.

Convicta neta dos descobridores — D. Catôa de Cai-água! — ponde vossos óculos na viveza desta imaginação prazenteira, e concordai que se pode ser genuinamente, deliciosamente, portuguesa sem incomodar o passado, que foi glória a brilhar imorredoura, porque teve, em seus dias, a coragem de querer ser o futuro em acção — isto é,



A caminho do banho

juventude do corpo, do espírito e do coração!

Entre areias e espumas, a glória azul do mar é um cenário maravilhoso para a elegância sóbria e o livre accionar da máquina humana.

Combinados ao acaso, os trajes berrantes, dão, dentro d'água, ares de paleta modernista às manhãs da praia. As lições da guerra ensinaram a encobrir, sem ocultar, a plástica feminina com o disfarce enganoso do *camouflage*, transformando-as em ninfas silvestres, ou irreais visões de seres complicados, lucilantes de escamas, engalanados de flôres, — ondinas desconcertantes, inéditas, com laivos de mistério nas bocas de coral, filho do mar!



Empurrando a chata

(Clíchê Serra Ribeiro)

MANOEL DE SOUSA PINTO.

ACTUALIDADES

PORTO



NA PRAIA DO MOLHE (Foz): Gente miúda, de mistura com alguns adultos a quem o risonho espectáculo também não desagrada, recreando-se com as mil trapalhices de Roberto, diante do tóscico teatrinho de fantoches. — Um chá elegante servido sobre a areia



Grupo tirado na audição de piano promovida pelo sr. Hernani Torres este distinto professor entre as suas discípulas

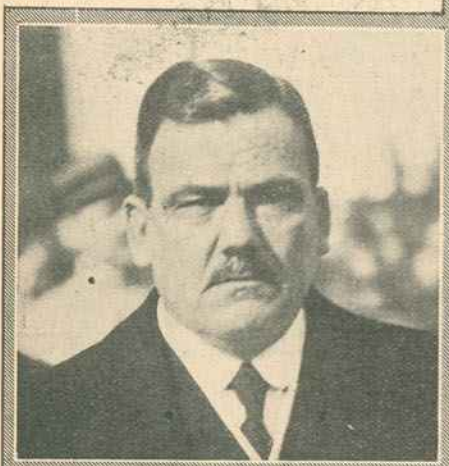


Aspecto da selecta e mimosa assistência à interessante demonstração de arte musical

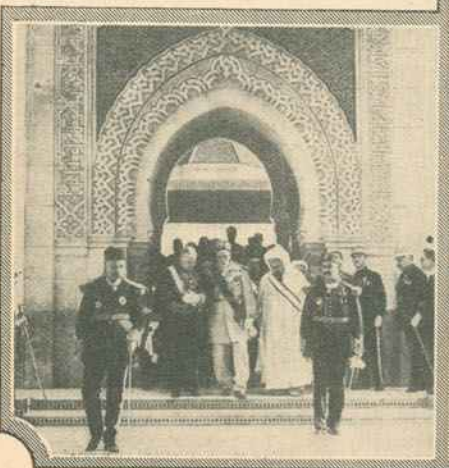
PELO MUNDO FORA



Mr. Georges Clemenceau, autor da vibrante carta aberta ao Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, a propósito da dívida de guerra da França aqúelle país



Calles, o Presidente da República do México, cujas severas medidas anti-réligiosas têm originado naquela nação sangrentos conflitos com os católicos



O Bey de Tunes, acompanhado de pessoas da sua comitiva e algumas entidades oficiais da França, saindo da Mesquita recentemente inaugurada em Paris



A comemoração, em Nohant, do 50.º aniversário da morte de George Sand, a *mulher fatal* do genial Musset e uma das mais célebres figuras femininas da França literária: a multidão ouvindo o discurso dum membro da Academia

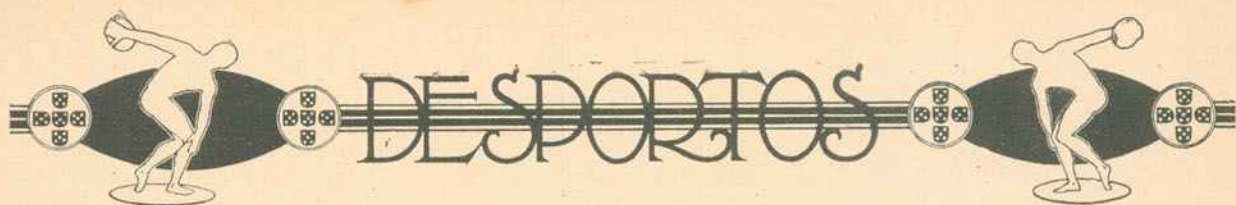


Aspecto muito original duma procissão na Bélgica: esta parte do cortejo representa a scena bíblica da fuga de Nossa Senhora para o Egipto, não lhe faltando sequer a figura de S. José conduzindo o jumento pela arreata



SOUSA PINTO—O barco desaparecido

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA



DESPORTOS



Rodrigo Castro Pereira
Capitão da Equipe Portuguesa

LAWN-TENNIS

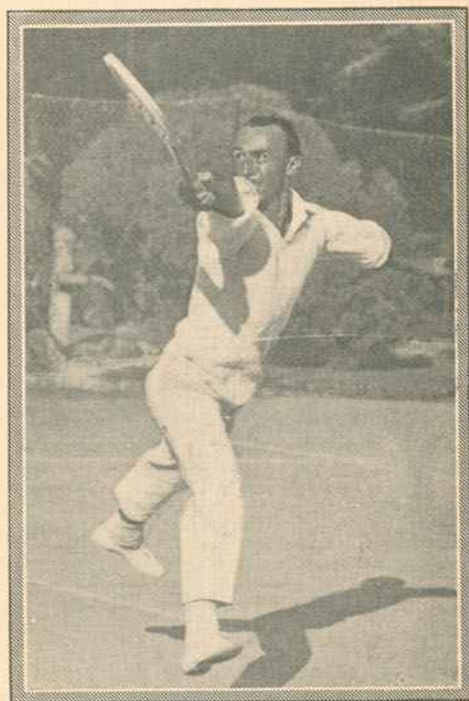
Nos «courts» do Sporting Club de Cascais, tem-se realizado diferentes encontros entre os jogadores seleccionados para a escolha da equipe que deverá representar Portugal contra a Inglaterra em Setembro próximo.

Este «match» está sendo aguardado com grande interesse nos meios desportivos, visto tratar-se do primeiro encontro a realizar contra os campeões ingleses.

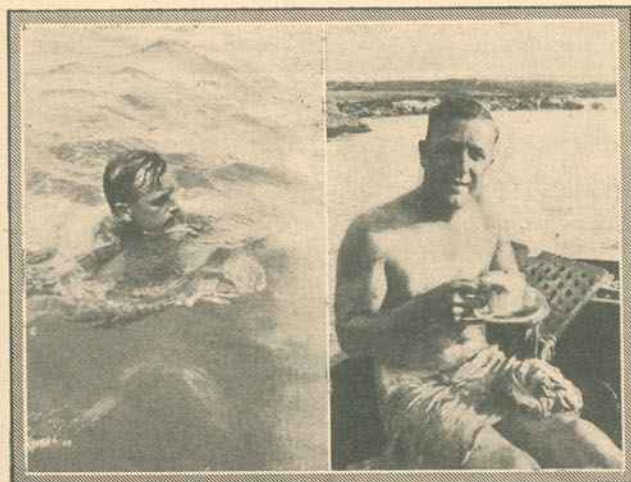
A equipe portuguesa ainda não está definitivamente escolhida e difícil será prever, desde já, qual a sua constituição.

Publicamos hoje a fotografia do capitão da equipe nacional, Rodrigo Castro Pereira, distinto «sportsman» e jogador cheio de qualidades, tendo sido a escolha para desempenhar este cargo, muito acertada.

Igualmente publicamos um instantâneo do campeão José de Verda, o primeiro jogador português e provável seleccionado.



Um volley de José de Verda



Mr. Gustafson a duas horas de viagem e cinco minutos após a chegada ao Pico tomando café

NATAÇÃO

A travessia a nado do canal entre a Ilha do Faial e a do Pico, acaba de ser realizada com o melhor êxito por Mr. Gustafson que gastou no percurso 5 horas e 32 minutos.

A travessia do canal, cerca de 5 milhas, ainda não tinha sido tentada por ninguém.

Gente do Pico aguardava a chegada de Mr. Gustafson, na Barca, tendo o valoroso nadador recebido uma carinhosa manifestação por parte da assistência.

A MORTE DO DR. REZENDE

(CONTO)

Ao Dr. Balbino Rego — o cirurgião notável, espiritualizado por aquela florescente bondade que nimba os sábios e os Santos.

I

AINDA não tinham dado sete horas, o Dr. Rezende, tomada a chicara do café e acéso o seu dilecto charuto, saíra a saborear-se da adolescente frescura da manhã. A essa hora o Bussaco era dêta. Antes do sol violar a recatada pureza da mata é que êle presava aquele silêncio religioso de nave.

Embranhava-se nas abóbadas centenárias, sumia-se pelos carreirinhos musgosos, empenchados de fetos, apenas dando ouvidos à água que se pranteava a calcáreos discretos. Ia e vinha a conversar os cedros venerandos, sem parar com ninguém que lhe truncasse os seus scismares. Dialogando com a paz das alturas, o seu espirito folgava da bulha verbal dos homens. A sua boca só se abria para dar a salvação a um cantoneiro ou a qualquer figurinha de Machado de Castro que povoava episodicamente o preseppe secular — a mulher dos dulcificados campos de Coimbra, de sãia escura e chaile traçado sobre a alvura do corpê, ligeirinha e esguia, com seu manacho ou sua bilha decorativa à cabeça. Mas rente ao monumental hotel, um guarda-sol cinzento adargou o caminho, e uma voz conhecida abalou a serenidade da mata, interpellando-o:

— Tu por aqui, Rezende?!...
— E tu também, Almeida!
— É verdade! Vim até cá uns dias com a vohota, fugidos ao calor de Lisboa. Mas onde diabo te metes tu que ainda não tinha dado por ti no hotel?

— Eu, homem, tenho uma carga de família. Não cabiamos no hotel. Aluguei um chalet ali às *Almas*, isolado e sobranceiro, donde em manhãs claras lobrigo um infinito bucólico, a meiga zona dos calcáreos, e em noites de nevoeiro a chã parece um oceano sulcado de luzes doiradas.

— Ora, sim, senhor! Sim senhor! — exclamava o Dr. Almeida — como nos viemos encontrar aqui! Ein, Manoel! Lembra o jantar da formatura...

— Lembra... com tristeza...
— Deixa lá! Não temos muito que andar mas já andámos.

— A galope!...
— E se a gente se sentasse um bocadinho neste banco?...

— Pois sentemo-nos.
— Ou tens destino?
— Eu não. Ia por aí abaixo a matutar, fazendo horas para o almoço. Isto abre o apetite...

— E as saudades! Faze tu ideia que há bons 48 anos que eu vim pela primeira vez ao Bussaco. Ainda não havia nada destas magnificências para aqui deslocadas e que brigam com aquele severo românico que além está. Ainda existia na sua autêntica primitividade, embora a arrear, o mosteiro do Bussaco. Nêle vim encontrar um frade que servira Wellington e me contou que naquela oliveira, visinha do mosteiro, estivera durante a acção amarrado o cavalo do Lord. Foi-me mostrar a cela de Wellington e ainda me traçou o retrato de um moço de 21 anos que na Batalha do Bussaco fez o seu baptismo de fogo e que mais tarde veio a ser Duque de Saldanha.

— É curioso!...
— Contou-me mais o carmelita que, quando as nossas tropas fecharam o quadrado para a famosa carga de baioneta contra os Franceses, puzeram o Santo António à frente. E foi pela vitória do Bussaco que o taumaturgo teve a Torre e Espada.

— Lendas! rematou o dr. Rezende.
— A lenda é muita vez o primeiro vagido da verdade.

— Quando não é o seu último suspiro.
— É sempre o perfume da História.
— Ou o bocejo do absurdo.

— Se não fôsse a lenda, quanta verdade histórica se teria delido sob a lage do tempo! A lenda é um gemido de soterrado; que guia o exumador ao local onde jaz o passado debaixo das idades aluidas.

— Abaixo a lenda! — interrompeu o dr. Rezende — E agora vamos andando devagarinho que a manhã está fresca.

— A modos que eu também estava a sentir-me entorpecido! — concordou o Dr. Almeida.

E num suave vagar os dois seguiram mata abaixo, o Dr. Almeida alto, magro, mais que grisalho, bigode e pêra de generalíssimo, o guarda-sol de sêda atrás das costas, o Dr. Rezende atarracado, ventruado, calvo e bigode branco, mãos nas algebeiras da rabona, relembrando as tardes descuidosas do Jardim Botânico.

Comunicativo, homem do norte, o Dr. Almeida revia-se no amigo, palreiro e feliz do encontro:

— Ó Manoel! Há quantos anos dura a nossa amizade!...

— Desde o Liceu — precisou o Dr. Rezende.

— A amizade dura mais que o amor, pois dura!

— Conforme. A amizade é como as casas e as pontes: a folga, a elasticidade dá-lhes mais resistência. O amor, se estremece, desmorona.

— Mas a nossa amizade nunca abalou sequer. Vem de longe, é caminheira. Gostuada a andar, não se fatiga. É como a gente: a questão está em não se deixar enfurrar as pernas.

— Disso não tenho eu medo — declarou o Dr. Rezende — A clinica não me deixa criar ferrugem. Se não saísse de Lisboa, não era senhor de estar aquele bocado sentado num banco.

— E eu? Imaginas lá o que eu andei na Flandres, em cinco anos de guerra! Não parei um instante. Aqui onde me vês, com os meus setenta anos, peço meças a muitos rapazes de hoje.

— Foi para te desferrares da vida de reparição que vocês, médicos militares, levam em tempo de paz... e às moscas.

— Se eu estivesse tão arrependido dos meus pecados como estou de ter seguido este rumo! Fica-se burro! — confessou o Dr. Almeida — Eu chego a ter medo de desfazer o ouvido à auscultação. Depois, morre-se obscuro! Não se é o Dr. Fulano, mas o «nosso capitão-médico», o «nosso coronel-médico». Só o nome que tu tens!...

— É proporcional à miséria. A glória em Portugal é uma moeda falsa. Este país paga às suas notabilidades nessa moeda.

— Enfim, cada um nasce com a sua signa! Sabes o que me dá muita satisfação? É a solidez da nossa amizade. A vida prática atirou-nos cada um para seu lado, mas alegria ou tristeza de monta, em casa de um de nós, é sino que chama pelo outro.

— No coração de cada homem bem formado a amizade deixa a saudade a marcar lugar.

O Dr. Almeida parára à espera que o amigo concluisse esta fala, para lhe propôr:

— Se te não importas vamos por aqui, que eu queria passar na Posta Restante.

— Seu maroto! — gracejou o Dr. Rezende — Dessa idade ainda com correspondência na Posta Restante. Vamos lá, vamos lá.

— Triste razão me impõe essa correspondência! É o meu rapaz que está doente...

— Coisa de cuidado?
— Gravemente doente...

— Diabo!
— Por minha vontade não tinha êle ido para Inglaterra, não. Formava-se aqui, depois iria lá fora especializar-se. Mas, tu sabes o que são rapazes, teimou... e a gente nem sabe o que há-de fazer quando se trata do futuro dêles.

Temos medo de o contrariar, não vá serem êles quem veja bem... E êles é que mandam!

— Nós já mandámos... nos nossos pais.

— O pior é que o meu rapaz é um pelém.

Quando o auscultei à partida nem imaginei que êle resistisse ao clima. Pois, senhores, deuse-optimamente. Se não viesse agora esta trabuzana...

— Final o que tem êle?
— Uma typhoide.

— E tu andas por aqui...?!

— O que queres tu que eu faça?
— Eu... nada. Eu só sei o que faria e o que fiz quando me adoeceu o Emilio: nunca mais quis saber de clinica nem de coisíssima nenhuma.

Não o tratei, como sabes, mas não podia arrear-me da cabeceira dêle. Ao fim e ao cabo para aquilo... um rapaz no quarto ano de medicina!

— Pobre amigo!

— Que tu nunca saibas o que é este horror! Olha: não posso ver um rapaz de vinte anos que se me não escureçam os olhos de lágrimas. Tenho mais filhos, mas rapaz que encontre fora de casa parece-me que é o que me falta!

Os dois amigos pareciam sufocados por entrarem a uma galeria mais umbrosa da mata quando era emoção que assim os emudecera. Deram mais umas passadas sob aquele túnel sombrio, num transitado silêncio, até que a voz do Dr. Rezende tornou a emergir:

— Não vejas nisto censura. É um conselho de velho amigo e de pai atormentado: vai para o pé do teu filho. É médico, ninguém melhor do que tu pode vigiar o tratamento. Vai-te embora.

— E a minha mulher?
— Ela não sabe?

— Não! É uma cardiopata adiantadíssima. Preciso poupar-lhe esta aflição.

— E podes resistir assim à inquietação, ao receio...?

— Há-de ser o que Deus quiser! Deus deus, se entender que deve tirar-me o meu único filho, lá sabe!

— Deus...
— O quê?! — exclamou o Dr. Almeida — Tu continuas nesse estado...?!

— Sempre.

— Nem a idade nem o espectáculo da vida... e da morte te arrancaram desse rochedo do negativismo!

— Nada. Sou um materialista que não discute.

— Os peores!

— Não tiro a crença a ninguém, não desacato, não ataco, não vejo. Simplesmente, não creio.

— Incurável!
— Impenitente!

— Que pena!
— Nenhuma! Nem eu sou preciso à religião nem a religião me é precisa para nada...

— A religião faz sempre falta... pelo menos para nos resignarmos.

— Para me resignar bastam-me as leis da Física e da Matéria.

— Estás como o Junheiro a quem eu, durante um almoço na casa dêle em Vila do Conde, convidi a definir a ideia de Deus, e que nunca saiu disto: «Deus é o Bem e o Mal».

— Queres tu dizer...?

— Que ao que tu chamas a Física e a Matéria outros chamarão Deus e Vida.

— Tu tens evidentemente a «obsessão do universo», no dizer do Telier. Por isso mesmo devias arejar êsse espirito, raler os filósofos.

— Ora! Os filósofos são uns espíões do mistério.

— Basta-te a Bíblia?

— Com certeza.

— És um fanático!

— E tu um jesuíta voltado do avêssio!

— Nunca tinha dado por isso.

— Pois louvo-me em te dar a novidade: um jesuíta! — e riu com vontade.

O Dr. Rezende, que também sorria, — comentou:

— Que melancólico a gente já não se zangar ao discutir filosofia!

— Bons tempos!... — suspirou o Dr. Almeida. E com o pé na soleira da Estação-Postal —

Espera um momento que eu vou ver se há alguma coisa para mim.

— A tua vontade...

O Dr. Almeida entrou e, quando voltou, vinha a ler uma carta-postal.

— Então? — perguntou o Dr. Rezende.

— Segue o seu curso normal...

— É o que se quer. E agora é a que são horas. Queres vir às sopas?

— Não. Tenho a minha velha à espera. Até logo.

— O mais certo é até amanhã de manhã.

— Se antes te não bater ao ferrólho.

— Não esperes que o sino grande da amizade te chame.

— Não há-de chamar, se Deus quizer!

— Mas se nos nós vimos antes, já sabes, de manhã a mata é minha.

— Está dito. Espero-te por aqui.

Um bom apêto de mão, e cada môcho a seu soito.

II

Tôdas as manhãs, os dois velhotes se encontravam para recordar e resmungar.

Certo dia, o Dr. Almeida, farto de esperar no poiso costumado, resolveu ir ao encontro do amigo, até às Portas da Rainha. Sentou-se, a dar tempo, e, como o Dr. Rezende não apparecesse, monologou:

— Não há dúvida, hoje deu a preguiça com êle! — e desandou, disposto a fazer sôzinho o passeio matinal.

Não dera meia-dúzia de passos, reflectiu:

— Succederia alguma coisa lá em casa? A modos que oço o sino velho da amizade tocar a rebate?!

E, tomado de resolução, foi bater à porta do Dr. Rezende. Apareceu-lhe a dona da casa que o recebeu com estas palavras:

— Ah! Ainda bem que veio, doutor. Já mandá-lo chamar.

— Temos doença, sr.^a D. Ana?

— É o Manoel que passou a noite mal... não se pôde levantar.

— Vamos ver o que é.

E, entrando ao quarto, exclamou lá da porta:

— Então o que é isso, seu preguiçoso?...

— Tu é que vais dizer-me o que eu tenho. Mas senta-te, homem! — E, enquanto o outro descansava, historiou: — Hontem à noite, demorei-me um pouco a tomar o fresco, ali no terraço. Noite bonita...

— Mas traçoira! — atalhou o Dr. Almeida, tomando-lhe o pulso enquanto o colega falava.

— Parece-me que sim, porque a páginas tantas senti um arrepiosito. Não fiz caso. Dali a bozado reconheci que aquilo me estava a fazer mal. Deitei-me, passei a noite um tanto agitada, alguma febre, dispneia...

— Estamos entendidos. O cavalheiro senta-se e prepara-se para o 33.

O doente sentou-se no leito e o Dr. Almeida, pondo-lhe uma toalha em babadoiro, começou a auscultá-lo, comandando:

— Respira fundo!... Outra vez!... Agora, naturalmente!...

Percorreu o outro pulmão, com o mesmo ritual e as mesmas vozes de comando; depois retirou o bibe, passou a toalha para as costas do doente, em dalmática, pousou o ouvido e ordenou:

— Fundo!... Mais!... Natural!... — e por fim: — Dize lá o 33.

O Dr. Rezende repetiu o numero, e o colega, dando por finda a observação, declarou:

— Isso não é nada! Mas no meu fraco entender, deve ir para Lisboa. Este setembro não é mês para rapazes da nossa idade andarem pelo Bussaco.

E à saída falou com mais franquesa:

— Sr.^a D. Ana! Quanto antes para Lisboa. Diga-lhe isso como coisa sua, para o não impressionar, mas nada de delongas!...

— E coisa de cuidado, doutor?

— Por hora, não. Uns princípios pneumónicos. Pode não ser nada, pode vir a ser muito, sobretudo aqui. Há humidade demais para os bronquíticos. Bom estou eu, e também não tarde em Lisboa.

— Então, o doutor vai fazer-me um grande favor.

— O que a sr.^a D. Ana ordenar.

— Quando chegar ao hotel manda telefonar

para o Luso, para me terem aqui um automóvel a tempo de apañhar o sud.

— Esteja descansada, minha senhora, que cá vem ter o automóvel.

Dali a horas, o Dr. Rezende, acompanhado da mulher e do colega, deixava o Bussaco. Nessa mesma noite começaram a desfilar pelo seu leito as sumidades da clinica lisboeta. Todos confirmaram o diagnóstico do Dr. Almeida — uma bronco-pneumonia, todos mantiveram o prognóstico reservado. O doente em toda a sua lucidez, acompanhava a marcha da doença, e antes dos colegas perderem de todo a esperança, reconheceu êle o irremediável do caso. Uma semana bastou para percorrer a galopada que vai do susto ao desespero. No nono dia de doença, sobre uma noite de pesadêlo, quando o Dr. Almeida entrou para a sua visita da manhã, o Dr. Rezende disse-lhe:

— Não percas mais tempo com isto!

— Estás doido!

— Nunca estive tão lúcido. E não sou o primeiro médico que morre assim. O Câmara Pestana morreu a dar uma lição sobre a Peste. Eu não pretendo ensinar. Estou simplesmente a acabar de aprender como se morre de bronco-pneumonia.

— Basta de tolices! Dá cá o pulso.

— Vê, para te convenceres que tens de concordar comigo — E quando o Dr. Almeida, acabou de observar: — que te dizia eu? Pulso filiforme, sem recorrência palmar... Estou pronto!

E continuou ao próprio pulso, serenamente atento.

— Sabes que mais? — protestou o Dr. Almeida — Requeiro uma conferência, já que não crês em mim.

— Bem sabes que não me engano. Perto de quarenta anos de clinica para alguma coisa me hão-de servir. De resto, nem um quintanista se enganaria, tão nitido é o caso.

— Sempre se te mete cada caraminhola na cabeça! Já te disse, vou telefonar ao Dr. ...

— Não.

— Nesse caso vou receitar o que eu entender.

— Para quê? Isto é o momento em que nós cedemos o lugar ao padre. Eu não chamarei o padre, mas quero dedicar socegradamente os ultimos momentos aos meus filhos e à minha mulher. Tu dá cá um abraço de despedida, que desta vez é que o sino da amizade vai dobrar a finados!...

— Abraços quantos quizeres, mas de despedida, não. Vou ao teu escritório receitar, e daqui a duas horas, volto. — E saiu sem coragem para contrasencar com a serenidade trágica do amigo.

Ao transpor o largo átrio, do casarão murado de azulejos, o Dr. Almeida, abalado de emoção, nem dava pela filha do Dr. Rezende que o interpelou:

— Então, Doutor?

— Se quer encontrar o seu pai vivo, vá depressa, Maria.

— Perdido?

— Irremediavelmente.

— Êle conhece o seu estado?

— Melhor do que ninguém. O seu pai nasceu com um extraordinário instinto clinico. E até à hora da morte o manterá lucidamente. Vai vê-lo ao próprio pulso, a apresentar segundo a segundo a morte aproximar-se dêle. Ev. abalei. Não pude mais. Tenho visto morrer muita gente. Vi mortes heróicas na Flandres, em cinco anos de guerra. Nunca assisti a um stoicismo assim: um médico a acompanhar ao pulso a sua própria agonia. Admirei-o em vida, e fico a admirá-lo na morte. Tem grandêsa, grandêsa trágica que assombra e comove!

— E como êle, tão amigo da familia, deve sofrer sem uma creença a ampará-lo!...

— Vá, Maria, vá depressa. Pode ser que êle nessa hora de despedida suprema...

— Não o conhece...? — e apertando a mão amiga do dedicado médico, Maria abalou escada acima, numa rajada de aflicção.

Quando se abeirou da cabeceira, o pai disse-lhe:

— Ainda bem que chegaste, Maria Júlia. Estava ansioso por ti. Quero despedir-me de vocês todos... — e para D. Ana: — Os rapazes estão em casa!

— Está o António e o Eduardo.

— Chama-os.

— O João foi à Politécnica, tratar da matrícula.

— Oxalá que não se demore, senão não chega a tempo.

— Que idea, meu Pai! — atalhou Maria, fazendo-se forte.

— É um caso absolutamente perdido, filha! Passaram-me pela mão centenas dêles...

— Vamos mas é chamar um médico...

— Se houvesse salvação possível, cá estava eu...

— O meu Pai não pode tratar-se a si mesmo...

— Agora nem eu nem ninguém! — e tomando-lhe a mão, num dolorido sorriso: — Levo muita pena de não ver nascer o meu neto!... Enfim, a vida sempre custa a deixar! Fica-nos cá tanta coisa!...

Maria Júlia debruçada sobre o peito do pai chorava convulsivamente. Nos olhos dos dois rapazes, encostados aos pés da cama, borbulhavam lágrimas. D. Ana, numa cadeirinha baixa, ao lado do leito, era um molho de ossos, contorcidos de angústia. A única pessoa serena era o moribundo.

— Não chores, Mariasinha! — disse êle. — Dá-me um beijo. E quando o teu filho nascer entrega-lhe este beijo que eu lhe deixo em testamento —, e ao beijar novamente Maria Júlia, o Dr. Rezende teve um desfalecimento.

Foram uns segundos de pavor. O Dr. Rezende recobrou os sentidos e ao ler nos olhos da mulher e dos filhos o sobresalto daquelas almas, disse numa voz mais fraca:

— Não se assustem! Foi uma lipotímia. A síncope virá mais logo — E com a mão ao pulso: — Tenho ainda vida para uns... três quartos de hora...

Os soluços das duas mulheres redobraram. Os olhos dos dois rapazes completamente se tinham vidrado de lágrimas.

— E preciso aproveitar o tempo... — murmuraram os lábios lívidos do agonisante — Vem cá, António.

O pequeno achegou-se da cabeceira do pai, caindo sobre a almofada a soluçar e a beijá-lo.

— Não chores. É a vida! Levo muitas saúda-des tuas, Antoninho... — e beijou-o, beijou-o, sófrego, sem lágrimas nem beijos que o fartssem — Vai, vai... Quero o teu irmão.

Eduardo aproximou-se, de mãos nos olhos, tonto de emoção. O pai abraçou-o, beijou-o, acariciou-o como em pequenino, e disse-lhe também:

— Levo muitas saúda-des tuas, muitas! — e sobre o silêncio, só cortado pelo chôr da mulher e dos três filhos: — O João demora-se... Se êle não chegar a tempo, digam-lhe que eu também levo muitas saúda-des dêle... levo muitas saúda-des de vós todos, meus queridos filhos!...

Descançou. E fitando demoradamente o rosto doloroso da mulher, ordenou:

— Agora deixem-me só com a mãe.

Sairam os dois rapazes, levando a irmã abraçada, numa grinalda de tristeza.

— Ainda tenho vinte minutos. Se o João viesse... — exprimiu o Dr. Rezende para D. Ana, continuando ao pulso.

— Êle não deve tardar... já se foi chamar.

O Dr. Rezende comentou num sorriso:

— Só se vier já...

E a seguir, revendo-se nela, pousou-lhe a mão na frente, com a leveza de sombra que beijassem um marfim:

— Sabes? Vou dizer-te uma coisa, meu amor! Nesta hora... confesso a minha pena de não ter fé... Se eu fosse crente levaria contigo a consolação de vos tornar a ver numa outra vida... Assim...

O corpinho mirrado de D. Ana tremeu a esta guinada de angústia. O Dr. Rezende, atento ao pulso, avisou:

— Isto daqui a um quarto de hora...

Entre portas os filhos espertavam, alagados de pranto. Dali em diante só se ouviu o arfar do moribundo e o soluçar da familia.

— Dez minutos se tanto!... — marcou o Dr. Rezende, numa voz sumida. E daí a nada — Agora está por muito pouco... um fio... — abandonando o pulso: — Já não vale a pena...

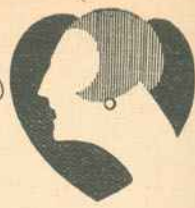
Curvou a cabeça, e entregou fielmente a D. Ana o último sópro de vida.

JOAQUIM LEITÃO.

Da Academia das Ciências de Lisboa



Feminina



A MODA PARA O OUTONO

A moda para o outono está já claramente esboçada. Como chapéus, estão indicados os de aba larga, cloche, com copa muito alta, amolgada dum lado. Estes chapéus lembram um pouco os chapéus altos dos homens e são de *panne*, simplesmente guarnecidos com uma fita de *gros grain* em volta da copa e com um monograma, delicadamente trabalhado em forma de cabochon, pregado na frente ou um pouco à esquerda.

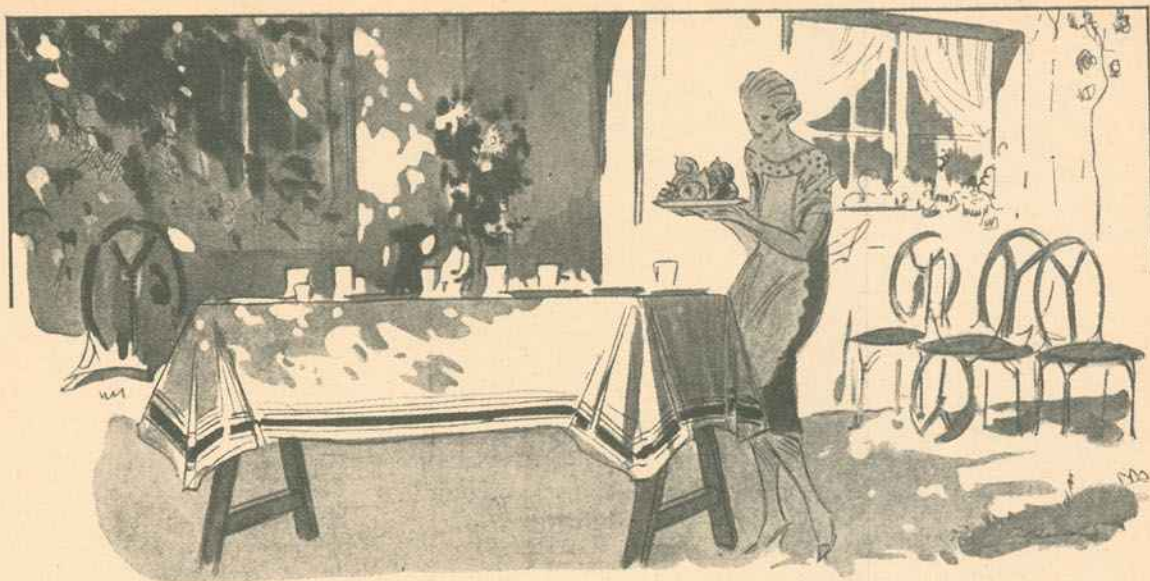
A forma destes chapéus é um tanto ousada e nem a todos os tipos de beleza feminina convirá; mas o ecletismo da moda facultou-nos outros modelos menos extravagantes, como, por exemplo o que hoje publicamos que é em feltro recortado descobrindo através os recortes um fundo de veludo em tom ou cor mais viva. Teremos ainda, na ordem dos modelos mais comedidos, o chapéu de tamanho médio, com



pequena aba muito derrubada sobre os olhos e copa bastante alta, que se fará em veludo ou feltro, mas cuja ornamentação será sempre extremamente sóbria sem prejuízo duma elegância requintada.

Os *sweater* os *jumpers* de jersey ou tricôt, foram suplantados pelos pequenos *manteaux* de veludo de algodão que se fazem de preferência nas cores *blond écaillé*, vermelho ou amarelo tília. Estes *manteaux* são bastante curtos e de corte simples, acentuadamente *tailleur*, vestindo-se com saias brancas plissadas.

A última palavra do *chic*, é a harmonia completa entre o calçado, as luvas, e o cinto. Uma outra combinação também muito em voga e remarcadamente elegante, é o saco de mão feito da mesma pele do *manteau* que deve acompanhar. E já que falamos dos sacos de mãos, não passaremos sem mencionar a última novidade: a reprodução exacta em setim preto do saço habitualmente feito em cabedal.



UM JANTAR AO AR LIVRE

O FERECER um jantar, quando em vilegiatura, durante esse período de privações em que, desprovidos de muitas comodidades, se luta com escolhos sérios para receber visitas condignamente, é preocupação máxima para a dona de casa ciosa dos seus prestígio.

a sincera satisfação de receber esses amigos inesperados mas sempre bemvindos, o embaraço em que logo se encontra para organizar e servir o jantar naquele desconforto, dentro duma boceta incomoda, que maiores proporções não tem o seu tugúrio de campo! Pobre dona de casa, em que apuros se vê, se uma inspiração feliz e aplaudadora das dificuldades não surge a restituir-lhe o sangue-frio comprometido.

Mas para tudo há remédio, senão vejamos:

A ideia de servir o jantar dentro de casa, é logo posta de parte por impraticável e menos comoda. Ora como quem não tem casa, vive... na rua, — com devida aquiescência das posturas municipais, é claro... a dona da casa volve logo o olhar em redor, buscando um lugar sombreado onde possa improvisar uma sala de jantar. Árvores no campo, não é cousa que por demais escasseie. E como ninguém tem o mau gôto de ir vilegiaturar para uma serra ou descampado, é fácil encontrar perto de casa local apropriado para o efeito.

O jantar nunca poderá ser servido tão cedo que termine com a luz franca do dia. Portanto, do que primeiro urge tratar é da iluminação.

Buscar-se-hão algumas lanternas dessas que nas propriedades rurais são empregadas para iluminação das diferentes dependências, ou, na impossibilidade de as conseguir, preparar-se-hão vários copos com azeite e lamparinas ou balões de papel protegendo velas de estearina. Suspendem-se éstas ou aquelas — ou ainda uns e outros — nos ramos das árvores que sombreiam, o local e assim se assegurará uma iluminação alegre e original.

Temos em seguida a instalação da mesa. Para isso, enterrar-se-hão no solo quatro estacas, sobre as quais se colocará uma das portas de madeira da casa. Uma segunda mesa igual ou idêntica, será preparada perto, a qual servirá para acomodação das loiças sobreceletes e iguarias a servir.

É claro que um jantar servido nestas condições, não obriga a rigores de apresentação. A toalha — que se preferirá de côr, dispensa o napperon do centro; ao meio da mesa dispor-se há uma *garbe* baixa de flores campestres, a menos que se prefira espalhar estas em pequenos ramos junto de cada conviva, o que é mais prático.

Um prato em cada lugar, com o respectivo talher completo e dois copos um maior, outro mais pequeno a cada pessoa. Guardanapos retangulares iguais à toalha.

O transporte das loiças, para maior comodidade e rapidez do serviço, faz-se num cesto grande, quando não se disponha duma pequena mesa tabuleiro, com rodas, como mostra a segunda gravura. Neste último caso, a própria mesa de transporte desempenhará as funções de bufete.

A composição do *menú* merece também atento cuidado.

No verão, sob a acção dum calor sufocante que afugenta o apetite, as iguarias quentes são menos apreciadas. Assim, não só porque um *menú* composto principalmente de pratos frios facilitará o serviço, como ainda porque decerto agradará mais aos convivas, é de bom conselho organizá-lo nesta conformidade. Isto permitirá dispor sobre o improvisado bufete as travessas e terrinas com as iguarias frias, deixando apenas para oportuno transporte os pratos quentes.

Principiar-se há, portanto, por um prato frio, que pode ser uma *mayonnaise* recobrida vários legumes verdes e ovos cozidos de mistura com atum de conserva ou lagosta. Seguir-se há a sopa que virá quente. Depois peixe grelhado com molho *aux fines herbes*. Uns ovos recheados, ou cozidos e *gratiés*, acompanhados com salada, agriões ou conserva inglesa. Uns frangos *à la gelée* substituiriam o assado, ou, na falta deste prato, uma travessa com carnes frias cortadas em fatias e acompanhada com molho de tomate.

Como doce uma *charlotte à la creme fonettée*, ou um bolo de arroz *glacé* guarnecido com frutas cristalizadas. Uma salada de frutas temperada com kirsch ou vinho do Porto e devidamente gelada prepararia para o serviço das frutas verdes colhidas de fresco e por isso mesmo saborosas como só no campo se encontram.

Depois, enquanto os convivas dão um breve passeio pelas imediações, a criada levanta rápi-



E, todavia, poucas vilegiaturas decorrerão por esse mundo fora, sem que a dificuldade surja. Os amigos, nessa quadra breve de folguedos gostam de preparar surpresas, surgindo em bando, inesperadamente, no remanso tranquilo do refúgio escolhido para as férias. Uma bela manhã o sol rompe como de costume, afoguedo, entre poalhas grisalhas adjacentes prometedoras de alta temperatura, aconselhando como medida preventiva do seu rigor, lá para a altura das duas horas, uma bem repousada sesta. E a família promete-se submissão aos conselhos do rei da vida. Mas eis que um rodar insólito de carros, um voear alegre, inesperado, vem subitamente quebrar a tranqüila monotonia ambiente. São os amigos que chegam para passar ali o dia!

E logo a pobre dona da casa, escondendo sob



damente a mesa, deixando apenas a toalha, sobre a qual depois a bandeja com as chavenas café e licôres.

E entretanto, a cortina da noite cerra-se devagarinho...

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Continuação do n.º 16)

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

Grande parte da frieza marmórea de que Hester dava a impressão devia atribuir-se a circunstância de que a sua vida se tinha voltado muito, da paixão e da emoção, para o pensamento. Sôzinha no mundo — sôzinha relativamente a qualquer dependência da sociedade, e com Pearl para guiar e proteger — sôzinha e sem esperança de recuperar a sua posição, mesmo que se não desprezasse de o ter por desejável, aquela mulher deitara fora os elos de uma cadeia partida. A lei do mundo deixara de ser lei para o seu espírito. Era um tempo em que a inteligência humana, de pouco emancipada, tinha percorrido maior âmbito e com mais actividade do que havia muitos séculos tinha feito. Os homens de espada tinham subvertido nobres e reis. Homens ainda mais audazes que esses, tinham subvertido e recomposto — não na realidade, mas na esfera da teoria, que era a sua mais real morada — todo o sistema dos antigos preconceitos, com que se prendia grande parte dos antigos princípios. Dêste espírito se impregnara Hester Prynne. Tinha assumido uma liberdade de pensamento, então vulgar do outro lado do Atlântico, mas que para nossos maiores, se dela se tivessem apercebido, seria mais mortal crime que o estigmatizado pela letra encarnada. Em sua cabana isolada, à beira-mar, visitavam-na pensamentos que não ousariam entrar em nenhuma outra morada da Nova Inglaterra: hóspedes invisíveis, que seriam tão perigosos como demónios para quem os recebia, só que pudessem ser vistos a bater-lhe à porta.

É singular que entre as pessoas que pensam com a maior audácia, muitas se conformam, na mais perfeita quietude, com as regras externas da sociedade. O pensamento lhes basta, sem que precise de revestir-se da carne e sangue da acção. Assim parecia dar-se com Hester. Todavia, se não houvesse recebido do mundo espiritual a pequenina Pearl, é possível que muito outra lhe tivesse decorrido a existência. E porventura ela teria vindo até nós, nos relatos da história, mãos dadas com Ann Hutchinson, como fundadora de seita religiosa. Em uma das suas fases, poderia ter sido profetisa. Poderia ter sofrido — e provavelmente teria sofrido — a morte por sentença dos severos tribunais do tempo, por querer aluir os alicerces do estabelecimento puritano. Porém na educação da filha encontrava o entusiasmo do seu pensamento objecto em que empregar-se. Na pessoa desta menina pusera a Providência a

cargo de Hester o gérmen e o botão da natureza feminina, para ela os acarinhar e fazer desenvolver, entre dificuldades sem conto. Tudo era contra ela. O mundo era hostil. A própria indole da criança tinha em si qualquer desacôrto que continuamente estava revelando o êrro da sua origem — influxo da paixão desordenada da mãe — e muitas vezes impelia Hester a perguntar, na amargura do seu coração, se fôra para mal ou para bem que a pobre pequenina tinha vindo ao mundo.

Em verdade, a mesma triste pergunta muitas vezes lhe surgia na mente com respeito a tôdas as mulheres. ¿Acaso lhes valia a pena viver, mesmo às mais felizes? Pelo que à sua própria existência individual respeitava, já há muito decidira pela negativa, e deixara de pensar neste problema, como resolvido. A tendência para a meditação, ainda que mantenha a mulher em sossêgo, como ao homem, fá-la todavia entristecer. Vê diante de si o que é talvez uma tarefa sem esperança. Como primeiro passo, todo o sistema social tem de ser derrubado e reconstruído. Depois, a própria natureza do sexo oposto, ou os seus longos hábitos hereditários, que se converteram em natureza, tem que se modificar essencialmente antes que a mulher possa ser permitido assumir a que parece ser uma posição justa e legítima. Finalmente, removidas tôdas as outras dificuldades, não podê a mulher aproveitar-se destas reformas preliminares sem que ela mesma tenha sofrido uma transformação ainda maior, na qual a essência etérea, onde ela tem a sua mais verdadeira vida, porventura se evolará. Não há mulher que resolva estes problemas, nem com o maior exercício do pensamento. Não podem ser resolvidos, ou só o podem ser de uma maneira. Se o coração da mulher triunfa, eles desaparecem. Assim Hester Prynne, cujo coração havia perdido o seu ritmo regular e natural, vagueava sem saída pelo escuro labirinto do espírito, ora desviada por um precipício impossível de passar, ora recuando diante de um abismo profundo. Em tôrno dela, por tôda a parte, havia uma paisagem desordenada e espectral, e em parte nenhuma um lar e conforto. Por vezes uma dúvida horrível trabalhava por conquistar-lhe a alma — se não seria melhor mandar Pearl desde já para o Céu, e seguir ela para aquele porvir que a Eterna Justiça determinasse.

A letra encarnada produzira o seu efeito.

Agora, porém, o encontro com o reverendo Sr. Dimmesdale na noite da sua vigília tinha dado a Hester um novo tema de reflexão e tinha-lhe apresentado um objecto que lhe parecia digno de todo o esforço e sacrifício que para o conseguir se requeresse. Tinha sido testemunha da imensa angústia sob cujo pêso o padre se debatia, ou, antes, havia deixado já de debater-se. Via que êle estava à beira da loucura, se é que já não tinha transposto o estreito espaço. Era impossível duvidar de que, por mais pungente que fôsse o secreto espinho do remorso, de mais funesto veneno o havia imbuído a própria mão que oferecia o alívio. Ao lado do padre estava há muito, continuamente, um inimigo secreto, sob a aparência de amigo e auxiliar, e tinha-se valido das oportunidades que assim se lhe proporcionavam para operar sobre as delicadas molas da personalidade do Sr. Dimmesdale. Não podia Hester deixar de perguntar a si própria se não teria havido de sua parte, desde todo o princípio, falta de verdade, de coragem e de lealdade, que deixara cair o padre numa situação de que tanto mal devia agourar-se. A sua única justificação estava no facto de que não descobrira outro processo de o salvar de pior ruína que a que a tinha atingido a ela, senão aceitar o plano de disfarce que Roger Chillingworth lhe havia proposto. Sob êsse impulso se tinha decidido, e escolhera, ao que estava agora vendo, a pior das duas alternativas. Determinou remir o êrro quanto lhe fôsse ainda possível. Fortalecida por longos anos de duro e solene sofrimento, já se não sentia tão incapaz de defrontar-se com Roger Chillingworth como naquela noite em que, humilhada pelo pecado e meio louca de ignomínia ainda nova, tinham falado na cela da cadeia. Desde então, tinha ela subido trabalhosamente até um ponto mais alto. O velho, ao contrário, tinha descido até se aproximar do nível dela, ou o ter passado talvez, pela vingança a que se rebaixara.

Em resumo, Hester Prynne decidiu encontrar-se com o antigo marido, e fazer quanto pudesse para livrar a vítima a que êle tão evidentemente deitara a mão. Uma tarde, ao passar com Pearl por um ponto solitário da península, viu o velho físico, que, de cêsto numa mão e bordão na outra, ia andando curvado para a terra à procura de raízes e ervas para compor os seus remédios.

XIV

HESTER E O FÍSICO

Disse Hester à pequena Pearl que corresse até a beira-mar, e brincasse com as conchas e as algas enleadas, enquanto ela falava com aquele homem que ali estava a apanhar ervas. A criança voou logo como uma ave, e, desnudando os pezinhos brancos, começou a patinhar pela margem húmida do oceano. Aqui e ali parava, e espreitava curiosa para uma pôça, que a maré ao descer havia deixado para lhe servir de espelho. Pearl espreitava, e de lá espreitava para ela, com caracóis negros e luzídios a ornar-lhe a cabeça, e um sorriso de elfo nos olhos, uma pequenina, a quem Pearl, não tendo outra companheira, convidava para lhe dar a mão e vir correr com ela. Mas a menina da visão, por sua parte, fazia também um convíte com a cabeça, como que a dizer — Aqui é melhor! Vem tu aqui para dentro. — E Pearl, entrando pela água quasi até o joelho, via no fundo os seus próprios pés brancos; enquanto, ainda mais de baixo, vinha a luz de uma espécie de sorriso quebrado, que oscilava de um para outro lado na água agitada.

Entretanto a mãe tinha chegado ao pé do físico.

— Quería falar um instante convosco — disse — de cousas que muito nos importam.

— Ah! e é a senhora Hester que tem uma boa palavra para o velho Roger Chillingworth? — respondeu elle, erguendo-se da posição dobrada em que estava. — Com todo o prazer. Senhora, tenho ouvido boas contas de vós por toda a parte! Ainda ontem à tarde, um magistrado, homem sábio e piedoso, esteve a falar de vós e de cousas vossas, e em segredo me disse que de vós se tratara no Conselho. Estiveram discutindo se se poderia, sem prejuizo do bem público, tirar de vosso peito essa letra encarnada. Por minha vida o juro, Hester, que ao digno magistrado pedi que desde já se tirasse a letra.

— Não está na vontade dos magistrados tirar-me este sinal — respondeu Hester em voz calma. — Se eu fôra digna de que mo tirassem, elle de per si cairá, ou se transformara em qualquer cousa que tivesse outro sentido.

— Usai-o, pois, se melhor vos cabe — replicou elle. — Tem uma mulher que seguir o que lhe dita a fantasia no tocante aos adornos da sua pessoa. A letra está mui bem bordada, e faz boa vista sobre vosso peito.

Todo este tempo estivera Hester a olhar fixamente para o velho, e causava-lhe, além de surpresa, horror a mudança que nelle se operara nos últimos sete anos. Não era tanto o estar mais velho; pois, ainda que fossem visíveis os sinais da idade, resistia-lhe elle bem, e parecia manter certo vigor de corpo e prontidão de espirito. Mas o seu antigo aspecto, de homem intellectual e estudioso, esse aspecto calmo e sossegado que era o que mais lhe lembrava d'elle, desaparecera

inteiramente. Succedera-lhe um olhar vigilante, inquisitivo, quasi feroz, mas cuidadosamente reprimido. Parecia ser seu desejo e propósito esconder esta expressão com um sorriso, mas este não lhe obedecia, deslizando-lhe tão irónicamente pelo rosto que àquella passageira luz ainda se lhe via melhor a negrura da alma. De quando em quando, também, vertiam-lhe os olhos uma luz vermelha, como se a alma lhe estivesse ardendo e se fôsse lentamente consumindo no intimo do peito, até que um sópro casual de paixão a erguia em momentânea chama. Esse fulgor reprimia-o elle logo que podia, esforçando-se por que parecesse que nada se havia nelle passado.

Numa palavra, o velho Roger Chillingworth era uma prova evidente da faculdade que tem o homem de se transformar em demónio, se se dispuser a entregar-se, durante largo tempo, a um propósito diabólico. Este desditoso tinha effectuado em si uma transformação dessa ordem, dedicando-se durante sete anos à análise constante de um coração cheio de angústia e de la tirando o seu gosto; e atirando ainda lenha para esse fogo de tortura que se aprazia em analisar e gozar.

A letra encarnada ardeu no peito de Hester. Aqui estava outra ruína, cuja responsabilidade em parte lhe cabia a ella.

— Que vêdes vós em meu rosto — perguntou o físico — que tão atentamente o contemplais?

— Uma cousa que me fizera chorar, se houvera lágrimas de amargura bastante para ella — respondeu Hester. — Mas deixai isso! É daquelle infeliz que desejo falar-vos.

— E que há d'elle? — exclamou Roger Chillingworth com interesse, como se o assunto lhe fôsse grato e elle estimasse deparar-se-lhe occasião de o discutir com a única pessoa com quem poderia tratá-lo. Para vós não mentir, direi, senhora Hester, que neste mesmo instante se occupavam d'elle meus pensamentos. Falai, pois, sem peia, que de igual modo vos responderei.

— A última vez que falámos — disse Hester — vai agora em sete anos, foi vosso prazer arrancar-me uma promessa de segredo quanto aos antigos laços que houve entre mim e vós. Como a vida e o nome daquelle homem estavam em vossas mãos, pareceu-me que não tinha eu que escolher, senão o calar, como me ordenáveis. Porém não foi sem grande receio que assim me preendi, pois que, tendo lançado de mim todo dever para com outros seres humanos, ficava ainda um dever para com elle, e alguma cousa me segredava que eu o traia com obrigar-me a guardar o vosso segredo. Desde esse dia não há homem que esteja mais perto d'elle que vós. Vosso passo segue o d'elle. Dormindo ou desperto, estais a seu lado. Penetrais seus pensamentos. Escavais e devastais seu coração! Apertais em vossas mãos a vida d'elle, fazeis que morra cada dia uma morte viva, e contudo elle não vos conhece. Ao deixar fazer isto, fui eu por certo falsa àquelle unico homem a quem me ficou a possibilidade de ser verdadeira.

— Como poderíeis vós ter escolhido? — perguntou Roger Chillingworth. — Meu dedo, se apontara esse homem, atirara-o do seu púlpito para uma prisão, porventura para a força.

— Antes assim fôra! — disse Hester.

— Que mal tenho eu feito a esse homem? — perguntou ainda Roger Chillingworth. — Digo-te eu, Hester Prynne, nem o maior galardão que já físico recebeu de monarca pudera pagar os cuidados que tenho gasto com este desgraçado! Se não fôra meu auxilio, sua vida se tivera queimado em tormentos nos dois primeiros anos depois de perpetrado o crime seu e teu. Porque, Hester, a alma d'elle faltava força que pudesse resistir, como tu tens resistido, a tão pesado fardo como a tua letra encarnada. Ah, eu poderia revelar um grande segredo! Mas basta. A arte que possuo, nelle a tenho empregado toda. Se elle ainda respira e se arrasta pela terra, a mim o deve!

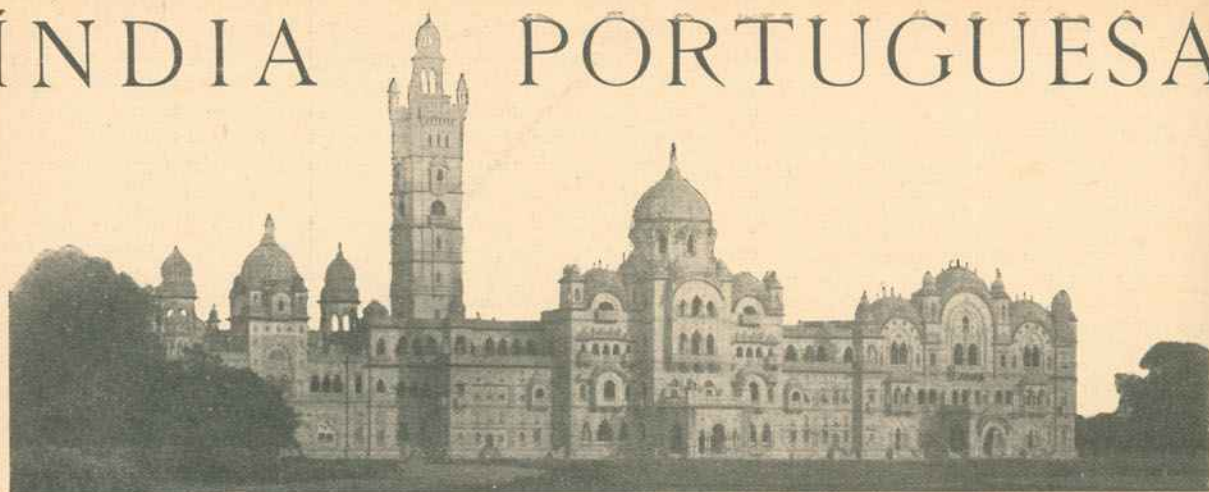
— Antes tivesse morrido logo! — disse Hester Prynne.

— Sim, mulher, dizes bem! — exclamou o velho Roger Chillingworth, deixando flamejar aos olhos dela o fogo sombrio do seu coração. — Antes tivesse morrido logo! Nunca mortal soffreu o que este homem tem soffrido. E tudo, tudo, à vista do seu pior inimigo! Tem pressentido o que eu sou. Tem sentido que há uma influencia que paira sempre sobre elle como uma maldição. Conheceu, por algum sentido espiritual — pois nunca fêz o Criador ente tão sensível como este — conheceu que mão que não era de amigo lhe puxava as cordas do coração, que lhe estavam espreitando para a alma olhos que só o mal procuravam, e o encontravam. Mas não soube que o olhar e a mão eram os meus! Com a costumada superstição da ordem a que pertence, supôs que fôra entregue a um demónio, para que o torturasse com sonhos terríveis e pensamentos de loucura, com a angústia do remorso e a desesperança do perdão, como antes-gosto do que o espera depois da vida. Era, porém, a sombra constante da minha presença, a estreita proximidade do homem a quem tão vilmente injuriara e que passara a viver somente do veneno perpétuo da mais atroz vingança! Sim, em verdade, elle não se enganou! — havia um demónio a seu lado! Um homem mortal, que teve coração humano, tornou-se demónio para especialmente o atormentar.

Ao proferir estas palavras, o desventurado físico erguia as mãos com um olhar de horror, como se estivesse vendo alguma forma hedionda, que não pudesse reconhecer, usurpar num espelho o lugar da sua imagem. Era um daqueles momentos — que às vezes se dão só com o intervalo de muitos anos — em que o aspecto moral de um homem se revela fielmente ao olhar da sua alma. É provável que o físico nunca se houvesse visto antes a si mesmo como neste momento se via.

(Continua.)

ÍNDIA PORTUGUESA



Palácio do rajah de Barodá (maratá)

FALAR da Índia Portuguesa é lembrar todo o nosso passado de epopeia, é recordar a assombrosa série de conquistas e descobrimentos dos portugueses, é reviver esse período áureo da nossa história, cantando nas sublimes estrofes dos Lusíadas.

A Índia tem para nós, como para todos os povos ocidentais, qualquer coisa de lendário, de misterioso que nos desperta o interesse. Na nossa mente, como num *film*, passam quadros de romance onde há sedas e pedrarias, perfumes e harens, rajahs e faquires, elefantes e serpentes doiradas.

E' que sobre um fundo de verdade mal apre-

influxo de varias religiões e dos preconceitos de diversas raças.

Sem entrarmos em minudências pouco próprias para este lugar, mas que os investigadores curiosos poderão encontrar no excelente livro «A Índia Portuguesa» de Bragança Pereira, feito a convite do ex-governador geral da Índia, dr. Jayme de Moraes, citaremos como exemplo dessa divisão, dessa pulverização de raças e castas, as principais que constituem a população de Gôa.

Essa população poderemos dividi-la em dois grandes grupos: católicos e não católicos; estes últimos dividem-se ainda em hindús e maometanos.

E assim, encontramos em Gôa, entre outras castas: *bramanes* (sacerdotes); *maratas* (militares); *vanis* e *gugires* (negociantes); *sonares* (ourives); *cansares* (caldeiros); *sutares* (carpinteiros); *chimpis* (alfaiates); *harvis* (pescadores e marinheiros); *bandaris* (lavradores de sura); *cumbares* (oleiros); *calavantas* e *gaiacas* (bailladeiras e músicos); *chedvans* e *cherés* (prostitutas e bastardos) etc. etc.

Mas, se formos ver o grupo maometano, outras castas encontramos, como os *bohoras* (comerciantes); *hakims* (curandeiros); *uagarjis* (músicos); *darvexis* ou *faquires* (mendicantes); *saiads*, *xecs*, *pathans*, *khajis* (cozinheiros, etc. etc.

Diferem muito alguns usos e costumes destas castas, mas há-os que são genéricos e dignos de menção, até para servirem de exemplo.

Os hindus de qualquer casta esfregam os dentes com folhas de cajú ou de mangueira, lavam a cara e os pés logo que se levantam; antes da primeira refeição tomam banho e antes das outras lavam a boca, os pés e as mãos; depois de comerem lavam a boca e mascam arêca.

Esta higiene, tão esquecida dos povos ocidentais, é praticada como um princípio religioso que os católicos poderiam seguir sem que por isso excitassem a cólera do Vaticano.

Os hindus andam descalços e com o tronco nu, quando em suas casas; descalçam-se á entrada em casa alheia ou no templo.

Sob o ponto de vista económico não podemos deixar de achar vantagens a tal usança.

As mulheres hindús, mais felizes do que as maometanas, trazem a cabeça descoberta e o cabelo apartado em bandós, tal como em Paris se recomenda para as elegantes de rosto com-prido.

Mas, ao passo que os maometanos usam bar-



Carpinteiros — Alfaiates — Barbeiros — Oleiros

ciado, muita fantasia tem bordado o espirito scintilante dos escritores e historiadores que nos dão noticia dos povos orientaes.

Na realidade, o que há são usos e costumes bem diferentes dos nossos, produto duma civilização antiquissima que sofreu a influencia do dominio de varias raças, tôdas com caracteristicos bem diversos.

A Índia d'hoje é um produto heterogéneo do

No grupo hindú, não católico, encontramos a população dividida em castas ou *jatis*, agrupamentos que tem por base o exercicio de uma profissão que todas as familias praticam e que se continua de geração em geração. Cada casta tem uma modalidade religiosa especial, pelo menos os seus deuses exclusivos, o seu culto característico, embora filiada numa religião principal que admite essas variantes.

ha, os hindús rapam-se cuidadosamente, como se fizessem o réclame da máquina Gillette.

O hindú é sóbrio e a base da sua alimentação é o arroz com *caril*, esse celebre caril de que muita gente fala, que alguns comem, pelo menos os que não sofrem do estomago, mas de que poucos sabem a composição.

Pois o caril indiano é uma mistura de, além de outras especies, côco ralado, camarão ou peixe, malaguêta, pimenta, açafraão, cominho, gengibre, tamarindo, cebola, alho, etc.

O maometano, mais glutão que o hindú, tem por prato predilecto o *pulau*, que é carne de vaca guisada com arroz, manteiga, amêndoas, passas, espécies várias, etc.

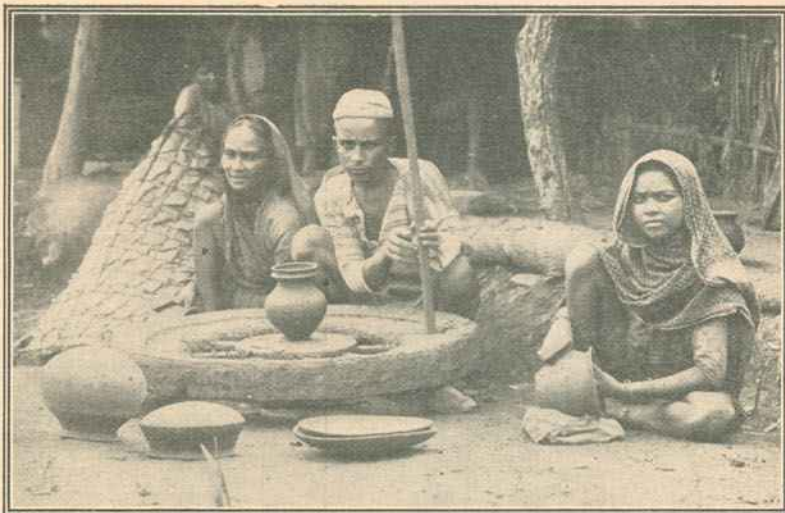
Mais aparatosos que os hindús, comem sobre toalhas estendidas em esteiras, ou em ricos tapetes. Ao passo que estes, sombrios e taciturnos, não comem sobre mesas nem esteiras; asentam-se silenciosos sobre escabelos, com as pernas cruzadas, o *tambió* ao lado, espécie de gomil para água, limitando-se a entoar cânticos religiosos quando se trata de uma refeição de festa, dum banquete.

Há, porém, uma diferença entre as refeições dos hindús e as dos maometanos, que não queremos deixar de mencionar, para conhecimento das leitoras: o maometano não come junto das mulheres, faz-se servir em aposentos aparte.

Este costume deveria ser usado entre nós, quando as mulheres sejam feias ou digam muitas tolices.

E, ao falarmos de mulheres, diremos que as hindús e as maometanas diferem no vestuário muitíssimo. Ao passo que aquelas limitam a sua indumentária a alguns metros de tecido, mais ou menos colorido, que enrolam artisticamente em torno do busto, que lhes marca a cinta, que lhes cobre as ancas e se enrola por fora e por entre as pernas, as maometanas usam compridas calças de côres vivas e o pano que as enrola é mais curto e mais flácido.

Estas, quando saem à rua, cobrem-se com uma comprida capa que as envolve completa-



Oleiros

mente e o rosto fica inteiramente velado, só se lhes podendo apreciar os olhos, que às vezes brilham como diamantes negros capazes de nos converter ao maometanismo.

Mas tanto hindús como maometanas e não so as mulheres como os homens, teem o culto pelos adornos, pelas joias, pela pedraria.

D'aí o uso do *bali* constituído por três perolas no alto da orelha direita; das *çod*, argolas de oiro com esmeraldas; das *choucuddó*, argolas de ouro com pérolas; do simples *contó*, cordão de oiro para o pescoço; do *har*, colar de pérolas; do *bahu-bál*, bracelete de oiro no braço direito; da *petti*, pulseira de oiro para o pulso direito; do *gop*, cinto de ouro ou de prata; etc., etc.

As mulheres, no exagerado uso das joias, não contentes em misturá-las com as grinaldas de

flôres com que adornam a cabeça, chegam a pendurá-las no nariz.

Felizmente para nós, ocidentais, que as nossas mulheres ainda se não lembraram de as usar no nariz. Lá chegaremos, e deve ser interessante no inverno, com os defluxos.

Mas, interminável seria enumerarmos aqui todos os exóticos usos e costumes da lendária Índia; fecharemos, pois, por uma quadra das canções indigenas, tradução de Tomás Ribeiro:

*Diçe ao teu fio de pérolas
Diçe, amor estremeçado,
Que pague d'amor a dívida
Ao meu desejo insofrido.*

VIRGILIO PEREIRA DA COSTA.



Velha construção portuguesa em Damão



A MULHER E OS DESPORTOS

decisão tão apreciáveis, que a breve trecho recolhia triunfos clamorosos e aplausos estimulantes.

Hoje as mulheres desportistas, contam-se por legiões. E não só na prática dos desportos moderados, esteticamente compatíveis com a sua individualidade plástica e os seus recursos físicos encontramos a mulher. Também os exercícios exaustivos e rudes a seduzem. O *foot-ball*, a *luta greco-romana*, o próprio *box* brutal, — manes delicados e timoratos das nossas poéticas avósinhas! — contam nas fileiras dos seus mais esforçados e apaixonados pugilistas muitas combatentes femininas que em *matches* violentos têm demonstrado alto valor e saber técnico, a par de reconhecida resistência física e moral.

Não avançaremos, porém, agora, na análise das causas determinantes da simpatia da mulher por tão rudes cometimentos a que ela hoje com frequência se abalança, — antes por audaciosa fantasia do que por vantagem comprovada...

Outros quadros desportivos mais agradavelmente harmonisantes com a graça feminina, se impõem à nossa atenção, credores de simpatia pelo equilibrado conjunto estético de linhas e atitudes que compõem.

A natação, por exemplo, é, dentre os exercícios físicos mais proveitosos ao desenvolvimento do organismo, um dos que a mulher entusiasticamente cultiva e aquele em que ela frequentemente se distingue.

Por isso, ao longo das margens doiradas da terra osculadas pelo mar lascivo, reptando a fúria das ondas, brincando com a força traiçoeira das correntes, cortando, enfim, a massa compacta e movediça das águas, pululam agora,

nesta quadra magnífica de reverberações fortes e luminosidades orgiáticas, milhares de encantadoras e infatigáveis nereidas humanas que muito devem com a moda e seguras do consenso da sociedade se entregam ao seu recreio favorito: nadar.

Nem todas, é certo, podem competir, por exemplo, com essa denodada Gertrude Ederlé, que acaba de fazer a travessia da Mancha a nado, batendo com enorme vantagem o record estabelecido pelo italiano Tiraboschi e deixando derrotados muitos competidores de comprovado valor, ou com tantas outras nadadoras experimentadas que nos últimos tempos têm realizado importantes *performances*.

Mas todas brincam alegremente com as águas inquietas, pedindo-lhes entre folguedos vivos acompanhados de perto pelo perigo, — para maior estímulo do capricho, — ensejo de desenvolverem sem deformações o sistema muscular, a elasticidade dos membros e o aparelho respiratório. E como há muito empalideceu o sol que iluminava, nas tranquilas praias burguesas as diversões ingênuas de cautelosas banhistas que, sem se arriscarem a perder pé, limitavam a expansão da sua alegria a aspersões recíprocas, arremessos inesperados da água batida pelas suas mãos traquinas, as banhistas de hoje revestindo-se de um carácter desportivo, saciam a sua irrequietabilidade audaciosa inventando exercícios por vezes arriscados, afirmando assim publicamente a intrepidez de que se orgulham.

umas, enquanto aguardam o momento de entrar na água, fazem sobre a areia um pouco de cultura física; outras, mais afoitas, buscam as grandes alturas e dali se despenham em saltos arriscados e formosas atitudes plásticas, no regaço profundo do mar.

Outras ainda, fatigadas do bulício das margens, cavalam em forte trôço de cortiça onde prenderam num paqueno mastro, uma ou duas velas minúsculas, que o vento logo enfuna arrastando para o largo, a esvoaçar sobre as águas encrespadas qual gaiivota ligeira, a improvisada embarcação.

Nos últimos tempos as banhistas arrojadas adoptaram com entusiasmo um novo desporto náutico, o *Planking*, mercê do qual os risos francos, cristalinos, contagiantes, poalham de alegre vivacidade a hora movimentada do banho.

O *Planking*, consiste em amarrar à popa de um *gasolina*, por meio de uma corda e de um gancho, uma prancha de madeira que fica flutuando e sobre a qual a banhista se coloca de pé, segurando-se com as duas mãos a uma outra corda em forma de rédea, presa à mesma prancha. Uma vez em movimento o *gasolina*, a prancha e a intemerata e equilibrista são arrastados velozmente sobre as águas. Num dado momento, o *gasolina* larga de surpresa a amarra, ou a rapidez de uma volta brusca faz voltar a prancha, despejando no mar a banhista, e é então que o inesperado mergulho provoca, com as forçadas peripécias, a explosão de uma franca alegria.

Ah! se as queridas e pacatas avósinhas pudessem assistir, do alto da meditação, que arrasta inconscientemente ao confronto, às preferências e manifestações das mulheres de hoje, ao vê-las assim afoitas e despreocupadas, mal admitindo um fugidivo *maillot*, estadeando sem embaraço, à luz do sol, e à indiscreção das curiosidades atentas, tocadas de ironia, os encantos desvelados, curvariam confusas a fronte pensativa e compulsariam, que, na verdade, «os tempos sucedem-se e não se assemelham»...

Os tempos sucedem-se e não se assemelham, disse algures remoto pensador que do alto da sua filosofia olhou a evolução do mundo.

Se, pelo que respeita à obra civilizadora dos povos, a justiça da sentença permite acesso à contestação, limitando-a à pressão do progresso sobre os preconceitos atávicos que sentinelam as aspirações femininas de liberdade e independência, reconheceremos que a observação repousa em flagrante verdade.

De facto, a mulher de hoje, mercê duma maior cultura intelectual que lhe desvela e amplia os horizontes sociais, aspirando fundo a âncora de quebrar os elos dos convencionalismos educativos que lhe agrihetaram, desde muito, a acção, as atitudes e as manifestações, a rígidos princípios coibitivos, procura romper a tradição legada pelas suas avós, apagando a legião de audácia e desenvoltura, na tela suavemente esbatida do Passado, o recorte modesto, docemente tímido, austeramente recatado, das mulheres de ontem, partidas do mundo antes de nêle surgirem as exigências estonteantes do progresso hodierno.

Tempos novos, costumes novos...

Biços, véos espessos, olhares temerosos de galanteios, clausura apenas quebrada pela fugidia visita à igreja... onde tudo isso vai!

A mulher moderna, não foge, antes a procura de face, a luz viva da liberdade; repele deliberadamente, num desprezo consciente por todo o exagero, a coacção dos convencionalismos sociais que lhe apoucam, negando-lhe o sentimento nítido de deveres e direitos, o valor moral. E logo impelida pela onda da actividade febril que tumultua à sua volta, saiu, decidida, da sombra onde a sociedade primitiva a colocara e veio ingressar na vida do exterior.

Nada então a atemorizou, nada lhe conteve as rebeldias à pressão das convenções estabelecidas como freios de moral a que a razão e a justiça eram alheios.

Foi assim que se encontrou subitamente atraída para o campo dos desportos, até então considerado impróprio e inacessível à sua fragilidade, e ali principiou afirmando facultades de energia, resistência, coragem e



CINEMATOGRAFIA



MARY PICKFORD, NA PROTAGONISTA DO MONUMENTAL FILME "DOROTHY VERNON", CUJO ARGUMENTO HOJE PUBLICAMOS



Dorothy deixou-se tomar por um grande amor

AS JOIAS DO CINEMA

DOROTHY VERNON

CRIAÇÃO DE MARY PICKFORD

Em Inglaterra, no mês de maio de 1550, no condado de Derbyshire, dois poderosos senhores, Georges Vernon e o conde de Rutland, dominavam o país inteiro. Estas grandes famílias uniam-se pelos esponsais de seus herdeiros, Dorothy e John. Como surgissem dissenções entre os dois grandes senhores, Sir Vernon recusou a filha ao jovem Rutland e prometeu-a a um primo que ela nunca vira, Sir Malcom Vernon, da Escóssia. John Rutland volta à Inglaterra depois dum



Malcom Vernon armara uma emboscada a John Rutland

família dos Stuarts, num impulso de dedicação pela infortunada soberana, envia seu filho John a Lochleven buscar a rainha enquanto Sir Vernon, a conselho de Malcom, convida a rainha Elisabeth para o casamento de sua filha. Dorothy resiste e recusa-se a casar com seu primo Malcom. O pai que começa a compreender a força do amor que sua filha tem a John Rutland, diz-lhe que este é seu prisioneiro e será torturado e enforcado se ela não assinar o seu consentimento para a boda. Dorothy assina e sabe depois que John não está preso mas sim em Rutland, tratando das feridas recebidas numa emboscada que lhe armou Malcom. Dorothy manda Jennie, serva fiel, a Rutland. No mo-

mento em que esta entra no pátio interior, Sir John que, apesar de todos os conselhos, quer ir ter com Dorothy, cai inanimado nos braços de Maria Stuart. Jennie acredita na traição do jovem cavaleiro e tudo conta a Dorothy, que no auge do ciúme, conta à Rainha Elisabeth que Maria Stuart está em Rutland. A rainha ordena a Malcom que vá prender a Rainha da Escóssia Maria Stuart, Rutland e o filho. Mas Dorothy vendo o amado em perigo, arrepende-se do que fizera e corre a Rutland. Chega porém muito tarde pois John vai a caminho de casa dela. Para salvar Maria Stuart, Dorothy troca com ela os vestidos e é presa em lugar da rainha da Escóssia. Malcom julgando dirigir-se a Maria Stuart, revela a Dorothy a conspiração que preparou e suplica-lhe que tenha paciência pois Elisabeth morrerá nessa mesma noite às mãos d'ele. Dorothy levada à presença da rainha Elisabeth descobre a sua identidade e acusa Malcom de alta traição mas a rainha não quer admitir a culpabilidade do seu favorito e condena Dorothy à forca. John, a poder de audácia, arrebatou-a ao cárcere e Dorothy por uma passagem secreta chega ao quarto da Rainha a tempo de a salvar da ferocidade de Malcom. Elisabeth perdoa então a Dorothy. Para punir John de ter ajudado Maria Stuart, exila-o por um ano e proíbe a Dorothy que lhe escreva. Mas Elisabeth, proibindo Dorothy de escrever ao noivo, não lhe proibiu que o seguisse ao exílio. É no exílio ela se uniu ao homem amado, pelos laços sagrados do casamento. (Produção United Artists).

Quando os espectadores virem no écran Mãe Murray e John Gilbert dançando a célebre valsa da «Viuva Alegre» no filme do mesmo nome, não poderão fazer a mínima ideia das dificuldades técnicas que foi preciso vencer para realizar esta scena. Se não se tratasse senão de filmar o par de valistas sem

solução de continuidade na tomada de vistas, a tarefa teria sido fácil, mas era preciso que as scenas da dança fôsem interseccionadas por diferentes primeiros planos que apresentassem a mímica dos actores sem que o ritmo da valsa fôsse interrompido um único instante. Para conseguir isto, Eric Von Stroheim o genial realizador, teve que empregar cinco aparelhos, dos quais dois registavam o conjunto dos dois bailarinos evoluindo no salão, outros dois iam apanhando as expressões em primeiros planos e o último registava os movimentos dos pés de Mãe Murray e John Gilbert. O campo de cada aparelho fôra minuciosamente delimitado e a maior dificuldade era encadear a acção dos diferentes aparelhos ao passo que os actores iam saindo dum dos campos para entrar noutro. Um observador munido dum porta voz ia comandando este encadeamento enquanto Stroheim velava pela boa interpretação da scena. Depois de muitos ensaios conseguiu-se tudo quanto se desejava. Tudo se encadeia tão bem no filme que o ritmo da valsa nunca é cortado quando da aparição dos primeiros planos e a música que acompanha a scena, coordenou sempre o seu ritmo com o dos bailarinos. É uma das scenas mais originalmente tratadas no belo filme.



Descobrendo a sua identidade, Dorothy acusou o favorito de alta traição à rainha Elisabeth

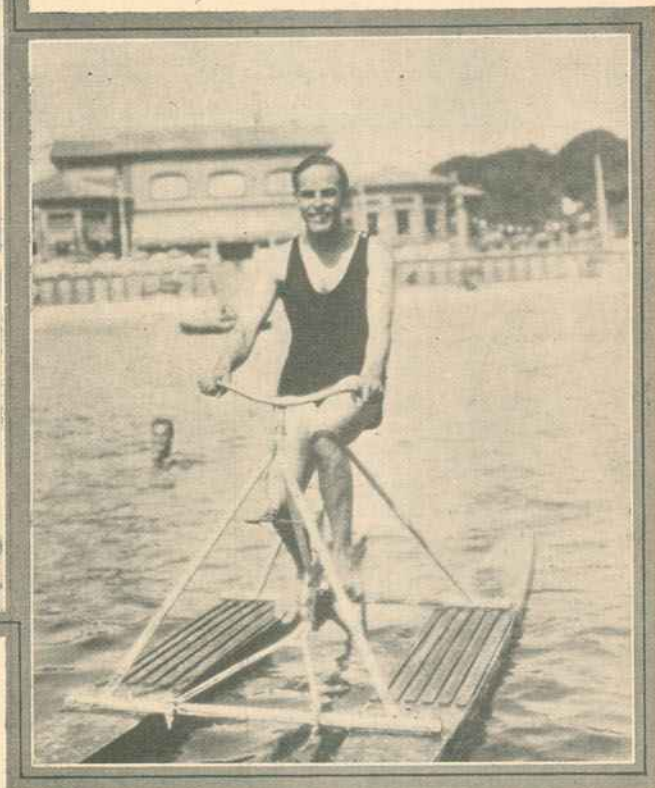
estadia de doze anos em França. O acaso põe-na na presença de Dorothy e esta, ignorando que

numa emboscada que lhe armou Malcom. Dorothy manda Jennie, serva fiel, a Rutland. No mo-

Francisco Bertoni, realizador dos «Frères Zemganno» vai filmar uma versão do célebre drama «A tentação» de Charles Meré, já representado em Portugal. A vedeta será Henriette Delanoy e os exteriores serão escolhidos em Genebra, Cannes e Biarritz. Interiores em Berlim.



Alma Rubens, estrêla de «Fox» e que acaba de conquistar um grande triunfo em Paris no superfilme *Siberia* com Lou Tellegen



Antonio Moreno, idolo mundial, gozando dos prazeres da bicicleta aquática



Constance Talmadge há dez anos rainha da comédia ligeira no filme *Her sister from Paris*



Um interior maravilhoso de bom gosto e senso artistico. A casa de Charles Ray o grande actor húngaro, star da «Metro»

A-pesar das dificuldades que tal emprêsa apresenta, Alex Nalpas filmou em 5 dias a revista do Folies Bergères. Os grandes conjuntos das principais scenas alternarão com o número de Pepa Bonafé, dos bailarinos acrobáticos Maryse e Tymga e da célebre estrêla Josefina Baker que serão apresentados em primeiros planos que permitirão aos espectadores do cinema apreciar os detalhes da interpretação destes notabilísimos artistas.



TEATRO



«TRÊS MENINAS... NUAS» NO GINÁSIO

TAMBÉM nós fomos, uma destas noites, à falta de melhor, às *Três meninas... nuas* do Teatro do Ginásio.

Criada em Paris por Sergius, Rose Nivel, Emme Pommier, Collete Roby e Renée Cinq-Mars, há quasi um ano que nos «Bouffes-Parisiens» a irresistível comédia musical exhibe vitoriosamente as pudibundas nudesas das três cândidas donzelas em cata de marido. Entre nós, a despeito da magnífica tradução de António Carneiro e Feliciano Santos, não chegará decerto a perfazer o trimestre do verão; pois nem mesmo a frescura de certos intermédios e os ares marinhos do 3.º acto a bordo do «Espadarte», conseguirão por muito mais tempo arrastar a encalmada população lisboeta à elegante sala da R. N. da Trindade.

Sem pretendermos, por snobismo, entronizar o boulevard e as suas venais tentações *ad usum barbarorum*, devemos no entanto, por amor à verdade, concluir que espectáculos como as «*Trois jeunes filles... nues!*» de Yves Mirande e Albert Willemetz, deslocados de Paris e do

reza, são as admiráveis plásticas femininas da grande cosmopole, a sua elegância natural, a inexgotável inventiva dos costureiros que as... despem, o esbanjamento orgiaco da luz e de côr que as envolve, todo esse esplendor propicio d'ouropéis, fantejoulante e feérico, único no mundo.

Transplantados para o cenário sonolento do Chiado, para as pobres ou flácidas nudezas das nossas vedetas, para o ambiente *prude* e patriarcal das nossas platéas burguezas, e para a dicção fonográfica dos nossos artistas de teatro ligeiro, acabam mesmo por perder de todo a logica, o sentido e a própria razão de ser.

Meu Deus! porque se teria perdido em Portugal a tradição do teatro ligeiro musicado, que Gervásio Lobato e Eduardo Garrido, por exemplo, tão risonhamente fizeram entre nós triunfar há um quarto de século, com motivos nacionais, um bairrismo pitoresco e para platéas indigenas?

Porque em vez de se ir ao boulevard adquirir receitas inadapáveis e incozináveis pelos nossos

Sustenta E. Schuré, a propósito de Ricardo Wagner e da sua obra, que a trindade da Poesia, da Música e da Dança fazem a ronda da arte viva. Remontando às origens da tragédia e ao seu ditirambo originário, e demonstrando por uma hábil digressão histórica que a poesia e a música são indissolúveis, conclui o apaixonado apologistas pela afirmação de que só com Ricardo Wagner e o seu drama lírico, a humanidade moderna vai dar a mão, por sobre Shackspeare e Racine aos grandes avós helénicos, desde Eschilo a Filemon. E, em síntese, a conclusão suprema de Schuré é a de que o espirito moderno, fatigado do massudo e monótono drama realista à Dumas e da pesada e convencional ópera lírica à Verdi, só na divina trindade do verbo, a música e da dança, irá saciar a ânsia de beleza e irreal que em vão procura no nosso actual teatro.

Um dia virá decerto em que a música há-de ser o comentário coral da acção, quer de comédia ou de drama se trate, tão naturalmente como a palavra e o gesto. Nesse dia o autor, o poeta, disporá dum mais vasto campo para a sua fantasia, e o espectador dum maior pretexto para deixar voar a imaginação além dos limites estreitos da realidade.

O que se fez com a *Arlesienne* de Daudet e modernamente se tem feito com o teatro de Musset, há-de tornar-se comum e extensivo a todo o teatro. O músico colaborará mais intimamente com o poeta (ou seja o dramaturgo ou o comediografo) e dará à sua música uma medula e um sentido mais humano. Lembra-nos ainda a profunda impressão que nos deixaram no espirito duas obras poéticas de carácter bem diverso—*A' quoi rêvent les jeunes filles*, de Musset e *La folle nuit ou le dérivatif* de Gandéra e Mouezy, representadas ambas com seu acompanhamento de música de scena, música que fazia bem, para a nossa mentalidade moderna, o papel comentador dos côros do teatro antigo.

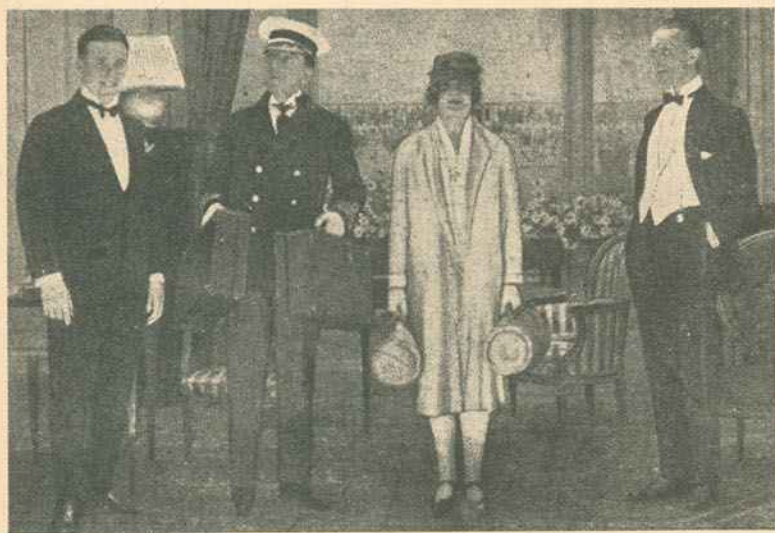
É certo que o poema de Musset e o conto galante de Gandéra vivem muito do prestígio dos travestis e do ambiente dos velhos tempos em que a acção decorre.

Mas *Passionément...*, de Hennequin e Willemetz, na Michodière, é uma comédia bem moderna, de mentalidade e costumes bem modernos, e a sua graça risonha e seu carácter teatral são da mesma natureza e conduzem aos mesmos fins.

Aproximemos destas tendências a profunda revolução que veio trazer também ao espectáculo teatral os «bailados russos», e aí temos dois factores essenciaes para a evolução fatal do teatro num sentido que não deixa de ser lógico, nem tradicional, nem democrático.

O Teatro Nacional Popular que F. Gemier há tantos anos vem sonhando, encontrará por essas vias a sua realização natural.

CARLOS SELVAGEM.



«PASSIONNEMENT...»

Comédia musical de Hennequin e Willemetz com música de Messager, no Teatro de la Michodière

seu ambiente especial de prazer e alegria, são como certas espécies vegetais que transplantadas da estufa para o monte mirram e se fenecem irremediavelmente.

O texto das «*Trois jeunes filles... nues*», com esse admirável 2.º acto, mixto de revista, de *folies bergères* e de operêta, (sem que o estranho cacharolête faça quebrar a perfeita unidade de acção da comédia) não vive só da graça esufizante e brégeira que os autores lhe insuffuram a esmo—o que já não é pouco. O que completa essencialmente espectáculos desta natu-

processos, para o nosso paladar e pelas nossas possibilidades de mão de obra, se não reabilitam antes os tradicionais e substanciosos refogados pátrios, embora um pouco mais leves e condimentados para o nosso actual paladar e para a debilidade constitucional dos nossos estômagos modernos?

Que esta questão de teatro musicado, que em Paris e pelo mundo vai ganhando fóros de cidade, é um problema que, a nosso ver, merece ser bem debatido e esclarecido sob todos os seus aspectos.

MULHERES

A Aquilino Ribeiro.

MARIA TERESA sorria. Estava linda com a sua palidez nostálgica de raça, os seus grandes olhos negros velados num quebranto lânguido, no seu pijama de seda cõr de sêpia e fogo. Despertara muito bem disposta nessa manhã quando o sol já mordida as trepadeiras do terraço — e a carta da mamã alegrara-a. Que delícia ir passar umas semanas em pleno campo, longe de Lisboa e de maçadas! No demais, aquela visita matinal da Raquel surpreendera-a, dando-lhe, sem saber como, um presentimento agradável. Porque viera àquela hora Raquel, sempre tão preguiçosa? Foi, pois, com um palpite de novidades e uma avidez recôndita de a ouvir, que Maria Teresa, com um lindo sorriso, — um dos seus sorrisos — ciciou as quatro letras desta palavra: — Fala.

Tinham conversado vagamente de *petits riens* fúteis, elegantes: no casamento da Gininha com o D. José de Meneses; na D. Margarida Vilas-Boas, que tivera de sofrer — coitada! — a operação da apendicite; na morte do White — o lindo galgo russo que o Alpedrinha trouxera na sua última viagem. «Sabes quem vi na quarta-feira no Chiado? — disse Raquel. O Perestrelo, o Chico. Cada vez mais *smart*. E até parece mais loiro. A propósito: sabes do romance do Perestrelo? Do seu idílio com a Yvette, aquela rapariga que esteve o ano passado no Coliseu? Maria Teresa não sabia nada. Estava muito recolhida. Nos últimos dois meses tinha ido apenas — e com que vontade, santo Deus! — a um *raout* em casa dos Condes de Penalva. E quasi nem pegava nos jornais, que — explicava — «estão insuportáveis com a política». E com a perna traçada, um ar *blasé*, suspirava melancolicamente:

«— Estou um bicho de rato. Aborreceda, sabes? Nervos, sabes? Tédio, muito tédio. Mas dize: o que te trouxe cá, minha querida?»

E como Raquel dissesse que apenas o desejo de a ver, de conversarem um pouco, Maria Teresa atalhou:

«— Sabes que te acho mais gorda? Oh! não, filha! Estás muito bem. Palavra d'honra! E teu marido: cada vez mais teu amigo, não é verdade?»

E toda cheia de galantaria:

«— Hás-de dar-me o segredo da tua beleza, an? Anda aí mistério, Raquel!

— Oh!

— Tenho a certeza!

Riram. Num solitário de cristal um crisântemo de oiro tombava, num abandono lânguido. Um perfume subtil — certamente de Goty — pairava no pequenino *boudoir* recheado de almofadas berrantes, disparatadas. Uma sílfide vaporosa — um lindo jaspe de tres palmos — sobressaía numa cantoneira. Num «maple» uma novela de Tynaire e um lençinho de renda. Maria Teresa insistiu. Pressentia confidências e queria escutá-las. «É verdade que a Berta Aires vai divociar-se? Sabes? ..» Raquel confirmou — sabia tudo. «Um escândalo, filha! Mas eu dou-lhe razão. Ela contou-me tudo, tudo. Coitada! O que eu lhe invejo é a coragem!

— O que tu lhe invejas? Não percebo.

Então Raquel desabafou a sua pequenina tragédia íntima. Deu pormenores. Fez juras. Deu a sua palavra de honra trinta vezes.

— O Júlio tortura-me.

«Les femmes! Les délicats bibelots de chair et d'amour...»

JEAN LOHRMAN.

Maria Teresa, sem tentar uma objecção, escutava-a admirada. A Raquel, que se habituara a considerar uma rapariga sem frenéticas exigências de temperamento, nem excentricidades nervosas de imaginação, uma boa rapariga bastante fria em matéria de paixonetes, absorvida nos cuidados da sua elegância e do seu matrimónio, surgia-lhe transfigurada. De resto, aquelas queixas contra o Júlio pareciam-lhe inverosímeis. Podia lá ser! Um rapaz tão bem educado, tão viajado, tão culto, tão *raffiné*! Sempre os julgara muitos felizes. O casamento de Raquel — bem o sabia ela — fôra um casamento de amor. E naqueles três anos de casados sempre lhe ouvira dizer a ela que o Júlio se portava como um marido exemplar, quasi sem pôr os pés no *Turf*, muito derretido com o pequerrucho, o Nandinho — que era, realmente, um amor. Ela mesma lho confessara muitas vezes. Como se dera, pois, aquela estranha reviravolta? E os queixumes de Raquel varavam-na de assombro. «Tu sabes o que é a vida de sociedade? Pois o Júlio nem parece um homem educado na sociedade! Um horror! Não imaginas!...»

— Mas não compreendo, Raquel. Ele trata-te mal?

— Se te digo que é insuportável!

— Bate-te?

— Oh! Isso nunca! Era o que faltava.

E toda ofegante, tomando as mãos de Maria Teresa, muito chegada a ela, acrescentou, rugiu:

«— Não calculas como ele é irritante.

—!

— Juro!

—!

— Mas que hei de fazer? Fala Maria Teresa! Não dizes nada? Não me dás um conselho?

E nos seus olhos assomaram duas lágrimas.

Um grande silêncio, apenas cortado de espaço a espaço pelo grito dalgum pavão, envolvia a vivenda numa calma atmosfera aristocrática. Súbito, na tranquilidade repousada, um piano começou exalando uma balada doce e triste, — talvez Grieg, talvez Chopin. Durante alguns minutos as duas amigas esqueceram-se, uma de chorar, a outra de sofrer por causa dessas lágrimas. Quando o doce lamento se esvaiu no ar dormente, Raquel, os olhos já enxutos, mais brilhante e mais claro o *vert d'eau* das suas pupilas, murmurou:

— É a Helena Patricio, não é?

— É. Toca muito bem, pois não toca?

O silêncio envolveu de novo a vivenda. Um pregão afastado passou na rua. Depois, depois... Uma palavra, sobretudo, arripiara Maria Teresa: «detesto-o». E Maria Teresa, espantada, queria inquirir, revolver tudo, ir até o fundo daquela tragédia inesperada e singular que aguçava a sua curiosidade de mulher. «Detesto-o!» Podia lá ser. Um rapaz tão *chic*, um perfeito *gentleman* que a paternidade convertera num papá baboso. «Eu não acredito, sabes? Não posso acreditar...»

«E desfechou:

— De resto, repara bem, tu ainda não me dissesse, afinal de contas, em que consiste a tua infelicidade. Escuta, Raquel! Dize-me... Ouve, filha! De que te queixas tu! O Júlio já não é teu amigo? Tão carinhoso como dantes? E isso?

— Não é isso.

— E teu amigo?!

— Demais!

— Palavra que não compreendo!...

— Obrigas-me a explicar tudo! Bem. Vou pôr os pontos nos ii. O Júlio é muito meu amigo. Continúa a ser muito meu amigo. Mas queres saber? Pronto: é exactamente por isso mesmo que não o posso suportar, que estou farta, que estou... Imagina! E tal qual como no primeiro mês!...

— Oh!

— Os mesmos beijos, os mesmos entusiasmos, os mesmos excessos — a mesma chaticice! Não posso! Não posso! Não posso! Estou até aqui! Não o posso vêr. Enoja-me até, vê lá! Queres saber mais? Agora só se te disser...

Maria Teresa olhava-a assombrada. Então era possível que Raquel se sentisse infeliz e chorasse e se queixasse do marido e chegasse ao cumulo de dizer — «detesto-o!» — porque ele, o Júlio, três anos depois de casado era tão amigo dela e dela tão cioso como durante a lua de mel? Então havia mulheres, pelo menos uma mulher, para quem o facto dos beijos do marido serem tão demorados e ardentes como os do noivo constituía um degrau na escada do infortúnio? E a estranheza de Maria Teresa subia de ponto desvendando a alma da sua amiga, que ela nunca considerara, de facto, uma apaixonada, mas que jámais supusera incapaz de apreciar a envolvente ternura dum homem. E quando Raquel, já à vontade, acrescentou vivos detalhes, descrevendo com uma pontinha de impudor a amabilidade conjugal — os seus afagos, as suas pinguicões, os seus arrebatamentos — Maria Teresa não pôde conter-se e, impetuosamente, os lábios trémulos, de repelão, atirando palavras às golfadas, investiu-a, verberando o seu procedimento, a sua ingratiidão, a sua secura. «Aborrecer o marido, detestá-lo, recriminá-lo, porque te adora e incessantemente te deseja, hoje como no dia seguinte ao do casamento, como se fosses uma deusa que tem o condão de evitar o tédio e o enfado que tantas mulheres aceitam como uma fatalidade! Cala-te, Raquel! Não digas o que me dissesse a mais ninguém! Que horror! Que horror, sim! E que vergonha!...»

E Maria Teresa era agora quem tinha os olhos rasos de lágrimas, — quem chorava e sofria. Todo o seu pequenino, frágil corpo de nenúfar palpitava, arquejava sob a sêda do pijama fantástico. Raquel via-a tremer, o seio ofegante, as narinas batendo nervosamente, e não tinha ânimo para a interromper fosse com o que fosse. E era ela agora também, por sua vez, quem se sentia surpreendida descobrindo em Maria Teresa, sob a melancolia que a envolvia havia tanto tempo, uma agonia íntima, trabalhada de voluptuosidade insatisfeita, exacerbada de romantismo, corrosiva e fatal como um drama profundo. E quando Maria Teresa, quasi num arranque, como num desfecho patético dum terrível monólogo trágico, entre dentes, a face transfigurada, os olhos dilatados, a máscara como que lambida por uma lavareda, rugiu — «que ela, sim, tinha o direito de se reconhecer infeliz porque o seu Eduardo já não era o amoroso, o apaixonado Eduardo de outros tempos» — Raquel viu de repente como elas eram diferentes e quanto a felicidade depende, afinal, dos nossos nervos caprichosos.

Maria Teresa, já calada, soluçava ainda. E Raquel, fitando-a longamente, parecia reflectir, meditar.

Depois, verrumando-a, espionando-a, com uma voz de blandícia, persuasiva, abraçando Maria Teresa, disse:

— Não faças caso do que te disse. Tens razão. Mas é tudo exagero, é tudo mentira da minha parte. O Júlio não é nada como dantes! Ouves? Tu estás ouvindo, Maria Teresa? Eu exagerei muito, eu menti... Tu ouves? Tu estás ouvindo?

BOURBON E MENESES.



AS PÉROLAS FALSAS

As pérolas falsas têm constituído motivo dum contribuição que os povos do Velho e do Novo Mundo pagam à França. São um dos chamados «artigos de Paris», copiosamente anunciados em jornais e revistas que, também, pela sua grande expansão mundial, formam valioso tributo que os franceses cobram de nós.

lhes pegava distinguia-as logo, porque eram muito leves. Eram também muito quebradiças: Lembro-me, a propósito, dum romance de Rachilde em que um anormal se divertia a confundir as possuidoras de pérolas falsas reduzindo estas a pó com uma martelada que, simultaneamente, fazia brotar pérolas líquidas dos olhos das suas donas.

Hoje, as esferas ócas de vidro são substituídas por esferas de esmalte que igualam em peso e

rijeza as verdadeiras pérolas; e maquinismos vários, de maior ou menor complexidade, auxiliam, nos diversos trabalhos de preparação da pérola, as mãos de operários adestrados.

Essa preparação compreende os seguintes tempos: fabricação da esfera de esmalte; preparação da essência de oriente; aplicação da essência à esfera de esmalte.

A fabricação da esfera pode fazer-se simplesmente dando, com um fio de cobre apropriado, a forma esférica a um pedaço de esmalte que se funde à chama do ma-

carico. Depois, para separar o cobre do esmalte, dissolve-se aquele em ácido nítrico. Para evitar esta última fase da preparação usa-se moderadamente o revestimento do fio de cobre por uma massa inerte de alumina ou caulino. Por esta forma o cobre não adere à esfera de esmalte. Também hoje se estão empregando maquinismos para manobrar os fios de cobre, o que apressa muito o trabalho, porque à mão só pode mover-se um dos fios de cada vez.

A essência de oriente foi tirada durante anos, como ensinou Jacquemin, das escamas de certos peixes fluviáteis. Com o desenvolvimento da indústria, as pescas nos rios franceses tornaram-se insuficientes, o que não admira porque se calcula em cerca de 4.000 o número de peixes necessário para fornecimento de um quilo de escamas. Os franceses importaram então escamas de peixe, particularmente da Prússia oriental. Hoje empregam escamas de peixes marítimos, mesmo de sardinhas, e a bexiga natatória da *Argentina Saphyraena*, espécie que vive no Mediterrâneo.

O pigmento prateado que constitui a essência de oriente extrai-se das escamas lavando estas com água amoniacal, que o separa da matéria gorda, e passando a mistura por uma peneira fina. Centrifuga-se para separar a água, junta-se um sulfocinato alcalino e deixa-se evaporar. Consegue-se por esta forma obter a desidratação da essência, que é um trabalho importante e delicado na fabricação das pérolas, pelo motivo seguinte:

O colódio é extremamente sensível à adição de água, por acção da qual precipita a nitrocelulose que o constitui, dando lugar a que se forme, ao misturar o colódio com a essência de oriente hidratada, uma massa sem brilho, incapaz de dar o aspecto de verdadeira pérola à esfera de esmalte.

Só depois de muitas tentativas se conseguiu, pelo processo da mistura com sulfocinato e evaporação, preparar a essência de forma conveniente para constituir com o colódio uma massa homogênea e brilhante. Com ela se cobrem as bolas de esmalte, ou espetadas em discos de cera nos quais se pega para as mergulhar na essência, ou empregando maquinismos mais complicados. A operação repete-se quantas vezes for necessário. Para dar à pérola o brilho iriado que alinda as verdadeiras, mergulha-se num soluto tépido de gelatina, esfrega-se com pele de camurça, e aplica-se-lhe novamente a essência de oriente, como foi descrito.

Assim se preparam pérolas do tamanho que se quer, furadas, claro é, para se enfiarem em colares que fazem, nas montras luxuosas da «Rua da Paz», o enlévo das senhoras que visi-



Operárias trabalhando na fabricação das pérolas

A indústria das pérolas falsas nasceu em Paris. Foi Jacquin, um fabricante de rosários, quem, primeiramente, tendo notado o brilho nacarado das escamas de certos peixes, pensou em agregar essas escamas por acção dum líquido gelatinoso e revesti-las com massa assim formada vários objectos que, por êsse modo, adquiriam o aspecto brilhante do nácar. Ao seu preparado chamou «essência de oriente», não porque êle proviesse das Terras de Levante, mas porque se dá a designação de «oriente» ao brilho das verdadeiras pérolas.

São sucessores directos d'êste Jacquin aqueles comerciantes luxuosamente instalados da «Rua da Paz» e dos «Boulevards» de Paris que anunciam e vendem, em competência uns com os outros, as «verdadeiras pérolas falsas». Verdadeiras não o são quaisquer delas, mas justo é reconhecer que algumas são tão perfeitamente imitadas, que facilmente enganam quem não tenha conhecimentos especiais de joalheria.

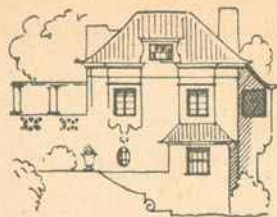
As primeiras pérolas falsas foram feitas com pequenas esferas ócas de vidro onde se introduzia a essência de oriente incorporada a um líquido gelatinoso. Bastava para isso uma pipeta de vidro; e fazendo rolar as pequenas esferas, revestia-se de essência toda a sua superfície externa. Por último, enchia-se a bola com cera ou parafina.

Por muito bem feitas que estivessem, as pérolas falsas assim preparadas só conseguiam imitar as verdadeiras pelo seu aspecto. Quem

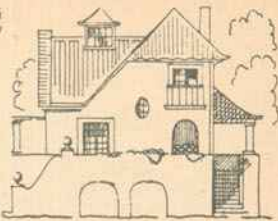


Laboratório químico anexo a uma fábrica de pérolas

tam Paris. Aqui se previnem as minhas elegantes compatriotas de que o lindo brilho iriado que as encanta nessas pérolas não é mais do que a chamada essência de oriente, preparada, possivelmente, com escamas de sardinhas.



A CASA PORTUGUESA



CASA
DO SOAR DE CIMA

UISEU

BELO EXEMPLO DE COMO SE PODE TORNAR
UMA CASA SIMPLES NUMA AMOROSA HABI-
TAÇÃO. DO JARDIM, AS PLANTAS FLORIDAS
INVADEM O ALPENDRE QUE DOMINA A PRAÇA
PRINCIPAL DA CIDADE; E ONDE JARDIM NÃO
HÁ, A CADA JANELA UMA FLOREIRA PÕE O
SEU SORRISO.

A ACOLHEDORA EN-
TRADA, ONDE SE ABRI-
GAM AZULEJOS E ESTA-
TUETAS ANTIGAS, DA
PASSAGEM À SÉRIE DE
SALAS — RECHEADAS
DE QUADROS, LOUÇAS
E OUTRAS OBRAS DE
ARTE — QUE TERMINAM
PELA BIBLIOTECA, A
CUJA DECORAÇÃO NÃO
FALTA O INCOMPARÁ-
VEL CONFÔRTO DE BOA
E GRACIOSA LAREIRA.



É ESTA CASA PROPRIEDADE
DO SR. FRANCISCO DE AL-
MEIDA MOREIRA, ILUSTRE
DIRECTOR DO MUSEU DE
GRÃO VASCO.





Livros e Escritores



Não sabemos de obra literária que, tal como a de Eça de Queirós, tão injustamente haja sido apreciada nos últimos tempos. Em geral não se viu — nem talvez se veja ainda — o propósito nobilíssimo que ditou algumas das mais discutidas e reprovadas páginas do mestre da *Ilustre Casa*. É que, para uma apreciação justa e imparcial, mister se tornava focar bem a época de podre dissolvência política, religiosa, artística, moral, etc., do último Romantismo e a dentro da qual se agitaram as personagens queirosianas; os vícios da escola literária a que pertenceu o grande escritor; a desoladora e infelicificante vacuidade das lutas em que andou envolvido por então o pensamento europeu; e, finalmente, fazer com sentimento português mas despido de intuito reservado, a análise total da obra de Eça de Queirós, pondo-a depois em confronto com a dos epígonos do Realismo em França, Itália ou Espanha. Ver-se-ia então como Eça pertenceu ao número dos raros escritores cujo fundo étnico levou de vencida os prejuízos de escola: como para ele a Arte se não bastava a si própria e só se justificava pelo que de energia criadora pudesse conter; como as suas personagens são pedaços vivos da Realidade; como o altíssimo espírito de Eça de Queirós, ao contrário de tantos outros, não enveredou pelo caminho da desnacionalização pois que, bem nacionais são os intuitos da sua obra; e como certas cruzeiras que apontam na mesma constituem apenas o meio, — discutível embora — de apresentar uma chaga por demais verdadeira. Não pertencemos ao número daqueles que condenam em globo a produção literária do grande romancista, e não sabem assim ver a formosa lição que ele nos quis transmitir. A obra de Eça de Queirós, afigura-se-nos absolutamente inconfundível por ser, a dentro do Realismo, a única que conseguiu ser latina. Posta em confronto com a de Zola, D'Annunzio na sua primeira fase, ou Filipe Trigo, logo veremos como lhe faltam as características tão abundantes aliás na produção dos três romancistas estrangeiros: o gosto pela sordidaria moral; a complacência na suja descrição de casos sexuais, — complacência que em Zola e Trigo, visava não só a efeitos de escola como ainda à obtenção da vil pecúnia —; o critério simplista e grosseiro; a oposição feroz às crenças de cada um... Ora, em boa e justa verdade, tais características de baixa literatura faltam em absoluto na obra de Eça de Queirós. Jamais o grande romancista, ao pôr em scena as misérias humanas teve acaso como alvo a exploração pecuniosa das tendências vis dos leitores, mas única e simplesmente a exibição em plena luz daquilo que considerava uma chaga. Tão pouco se deixou cair na perigosa e falsíssima generalização em que resvalaram os mestres do Realismo: ao passo que estes se compraziam na apresentação de criaturas e situações que classificavam de comuns, ou até mesmo de desejáveis, (o contrário, segundo eles, implicaria oposição ao que é humano, geral e legítimo!) Eça de Queirós apresenta-nos tais situações e criaturas vistas através do seu lusismo, das suas tendências de

raça, e considerando-as portanto como autênticas misérias, ali exibidas como necessária doutrinação moral, e não as exaltando, não as dignificando, sequer mesmo legitimando. A sua atitude para com o Catolicismo, embora às vezes — e muito epidemicamente — irreverente, jamais foi a do ódio ou da repugnância pelas suas doutrinas e acção disciplinadora; não há nela sectarismo, não visa a um propósito de substituição, antes de crítica de viciações. E d'este modo, se páginas há na sua obra que ferem pela crueza do pormenor, essas páginas sendo lamentáveis, são-no quasi que só apenas por via do perigo sempre existente de se cair na generalização apressada; de involuntária e indirectamente se poder induzir em erro, visto nem todo o leitor — antes pelo contrário! — se encontrar habitado a atentar depreciativamente na chaga e a estimar o cauterio... Daí, pois, o perigo de confiar a tôda a gente a lei-

forma alguma daqueles que fingem lamentar a publicação dos volumes em referência, antes a consideramos útil porque muitos subsídios nos traz para o estudo do autor de *A Cidade e as Serras*. Embora não passem de simples apontamentos, ou de borrões duma obra a publicar, são preciosos esses volumes para a exegese literária, para o estudo da personalidade do escritor, para o exame das ideias que determinaram a sua vida. Por esses volumes — e comparando-os com os publicados até ao descobrimento dos inéditos — se vê como o pensamento de Eça de Queirós esteve sempre a dentro das características que já apontámos. E dentre todos os inéditos agora vindos à luz, destacaremos como primaciais para um estudo, o *Conde de Abranhos* e *O Egito*; o primeiro porque, sendo uma sátira sangrenta contra a vida política de outros tempos, nos mostra a seqüência do pensamento nacionalista de Eça de Queirós e como era profunda a antinomia em que o seu espírito se encontrava com o estrangeirismo da vida nacional; o segundo porque nos fornece os indícios de oiro do que viriam a ser o estilo, a maneira de observar e descrever do romancista. São simples apontamentos, descosidos é certo, ainda menos retocados que o *Conde de Abranhos*. Mas, como estes apontamentos de viagem dum moço de vinte e três anos apenas, seriam uma formosa estreia ainda hoje, tanta frescura, espontaneidade, graça e leveza de estilo nêles andam presas! Mesmo truncado, embora claramente mostrando o infelizmente inacabado da sua factura, a imprecisão do juízo crítico, a leviandade de certas opiniões religiosas e sociais — Eça de Queirós tinha ao tempo vinte e três anos apenas! — que formosa promessa éste *Egito* que acabamos de ler e mais nos afirmo no apêgo carinhoso à memória do mestre querido!



Ramalho Ortigão

tura do grande romancista, demais a mais sendo como é, imensa, a estupidez humana... Mas, para quem saiba proceder à departição do bom e do ruim, para quantos saibam ver e aprender, que bela e fecunda lição, que formosas páginas de crítica e de doutrinação nacionalista; que justíssima compreensão do que seja o mister de escrever! Como nós queremos bem a essa obra, a-pesar mesmo das páginas escusadas, dos prejuízos de escola, duma ou outra nota de francesismo apenas exterior porque, no seu intimo, na sua intenção, no simbolismo que reveste em vários casos, essa obra é das mais honestas, a mais latina por certo e até mesmo a única reconstrutiva a dentro do Realismo!

Dêste modo, e visto o carinhoso apêgo que nos merece a obra do grande romancista, foi com alvoroço que começámos a leitura dos volumes que ele deixara inéditos. Não somos por

Ao contrário porém de Eça de Queirós, cuja produção literária obedeceu sempre a um plano de reconstrução nacional, plano êsse amplamente demonstrado na *Ilustre Casa de Ramires*, na *Correspondência de Fradique Mendes*, no *Mandarin*, na *Cidade e as Serras* e até no *Conde de Abranhos*, a obra de Ramalho Ortigão teve apenas um alvo: a demolição. Quasi nenhum ideário reconstrutivo se encontra nos doze volumes das *Farpas* que ao grande demolidor são atribuídos e, a bem dizer, um só propósito os anima: o do bota-abaixo estadeado em páginas coruscantes de ironia e irreverência. A visão crítica de Ramalho está hoje sujeita a muitas emendas e rectificações: o grande escritor soube ver muitos dos males nacionais mas a isso se limitou porque, ou não apresentou remédios nenhuns, limitando-se à gargalhada escarminha; ou, se os apresentou, não viu como eles eram inadequados ao modo de ser especial do nosso país. De modo que, da sua obra apenas fica de pé — e é muito, valha a verdade! — a exposição crua e formidável dos males e vícios da vida nacional, tudo isso envolvido numa prosa admirável de alegria e de expressão. O terceiro volume das *Farpas* que aqui

temos diante de nós na reedição empreendida pela Empresa Literária Fluminense é talvez um daqueles em que mais flagrantes se tornam os defeitos e qualidades de Ramalho: trata-se da comemoração literária de várias individualidades do seu tempo, illustres umas, pitorescas outras, e que vão desde Alexandre Herculano até um certo pentecista da Rua Nova do Almada. A visão crítica, já o dissemos, falha muitas vezes no autor de *A Holanda* e os seus juízos foram em parte rectificadíssimos, porque o tempo se encarregou de ensinar e corrigir. Mas, em todo o caso, que excelentes páginas de prosa, cheias de brilho e de sensibilidade, que despreocupado e magnífico bom humor! Bem sabemos que na obra do grande ironista há melhor, mesmo muito melhor, por exemplo: os volumes das *Farpas* que tratam da vida política e rural, da crítica ao parlamentarismo e às letras de então. Em todo o caso, como certa mocidade de hoje, engoada por frustes literarismos sem nervo nem sinceridade, lucraria lendo as páginas deste volume e as de todos os outros, a-pesar mesmo dos erros e prejuízos que nelas afloram, por tal forma é saudável a prosa de Ramalho e tão saudável é também a gargalhada que, de vez em quando, estoura irreprimivelmente nos volumes das *Farpas*!

É a trágica história do que sofreu a segunda cidade do país sob o domínio de Sout, marechal do Império e Duque de Dalmácia, que o sr. Artur de Magalhães Basto nos vem contar no seu interessantíssimo volume: *1809, O Porto sob a segunda invasão francesa*. Pareceu-nos uma obra digna a todos os respeitos de figurar nas estantes de quantos se dedicam ao estudo da nossa história: o seu autor, conhecendo a fundo o período que se propôs relatar, e tendo compulsado os estudos já feitos sobre o assunto e a documentação existente nos arquivos, apresenta-nos uma exposição fiel e colorida do que foram os dias de humilhação e desgraça caídos em sorte à sua heroica cidade desde a entrada vitoriosa do herói napoleónico até à sua expulsão. Iniciado na quarta-feira de trevas do ano de 1809 o martírio dolorosíssimo do Porto, com o seu cortejo de incontáveis misérias, roubos, sacrilégios, estupros, assassínios e incêndios, só termina como se sabe a 12 de Maio desse ano com a expulsão daquele que, no seu pensamento, albergara o intuito ambicioso de vir a ser o soberano do país. É esse período, cheio de ferocidade por parte dos invasores e de heroísmo por banda dos portuenses, que o sr. Magalhães Basto nos conta num estilo simples mas expressivo e correcto, mostrando-nos mais uma vez aquilo que, aliás, anda no espírito de todos nós: é que, se a barbária tedesca encheu em 1914 de horror o mundo inteiro, a barbária gaulesa durante as três invasões de Junot, Sout e Massena, entregando à pilhagem e ao assassinio um país de lés a lés, nos não deve encher de amor pelas qualidades de bondade dos antagonistas do império alemão... Em casos destes, diz o povo e diz bem que, tão bom é o diabo como a mãe dele!... Mas, resumindo é interessantíssimo e digno de ser lido o livro publicado pelo sr. Magalhães Basto e, por certo, de muito servirá a quem um dia se proponha fazer a história do que foi Portugal sob as invasões napoleónicas.

Estreia-se a sr.^a D. Helena de Aragão no mundo literário com este livro de contos, *Sombras e claridades*. Merece a nossa simpatia porque é obra duma escritora que, para o ser, não quis abdicar das suas qualidades de mulher. Tão habituados estamos já a esse *bas-bleuisse* que se estadeia nas montras dos livreiros que, francamente, o livro assim duma senhora, mesmo quando elle é humilde e comedido, nos enche de agrado. De há uns tempos

a esta parte surgiu entre nós, a imitação do que lá fora se agravou com as consequências da guerra, uma fauna abstrusa e repelente que ou troca os sexos ou os reúne duma forma bem digna das sátiras de Juvenal... E toda essa fauna escreve, Deus do céu, e para desgraça das letras!

Ora o livrinho da sr.^a D. Helena de Aragão, embora artisticamente nos não satisfaça por completo, lê-se em todo o caso com desenfado e, por vezes com uma certa curiosidade. Ainda a autora em questão está nos ditos tempos das castelãs e dos pagens e duma certa efabulação romântica: as *Sombras e claridades* mostram ingenuidades e indecisões: o enredo é por vezes arbitrário como, por exemplo, no conto *Marinheiro*. Mas outros contos há no seu livro que se lêem sem favor: citaremos entre outros *O Milagre*, *A alma penada* e *O poder dum beijo* — este último, exactamente o contrário do que o leitor poderá estar julgando...



Helena de Aragão

Como livro de estreia não nos podemos impedir de apresentar à autora os nossos respeitosos cumprimentos e de lhe dizer que, corrigidos os defeitos já apontados, menos diluída a exposição, e com a persistência das suas qualidades de mulher, a sr.^a D. Helena de Aragão ainda um dia, se quiser, poderá escrever de modo a contentar por completo este seu quisilento servidor...

Com o título de *Viagem surpreendente* e um sub-título que nos lembra certas curiosidades do século xviii pelo estirado do tamanho, acaba o sr. Eduardo Moreira de publicar uma brochura de 126 páginas na qual a seu modo expõe e resolve as scições do Protestantismo. O estilo é empolado, bastante falso, a efabulação muito torcida. Para a factura do livrito aproveitou-se o sr. Moreira da inspiração que diz terem-lhe fornecido Lullio na *Bianquerna*, Bunyan no *Peregrino* e Swift nas celeberrimas *Viagens de Gulliver*. Sentimos dizer-lhe que pouquíssimo ou mesmo nada aproveitou com o convívio de tais mestres. Faltam-lhe graça, leveza e espírito crítico: a descrição da cidade da Superstição encheu-nos de saudades dos livros de fantasia dos autores citados. Quanto ao conteúdo e lamentando que o sr. Moreira desconheça os estudos monumentais do alemão Jansen sobre a *Geschichte des deutschen Volkes seit dem Ausgange des Mittelalters*, e tantos outros que vão desde J. Doellingner no seu *Die Reformation*, até Denifle-Weiss no *Luther und Lutherthum*, só nos resta dizer que belo, incommensuravelmente mais belo e sadio do que o seu livrito é o esforço do malogrado e patriótico

prelado belga, Gardeau Mercier, lutando até a hora da morte pela união das igrejas do Cristianismo! Assim é que nos parece estar certo.

Oh a delicia que traz ao nosso espirito, digamos até a confiança no futuro duma raça! que nos proporcionam as páginas de Mota Cabral no *Ao Sol*, livro pletórico de saúde, de cor, de vida e de luz, escrito por um médico distintíssimo e um ribatejano de nervo que bebe vinho quando os outros portugueses enxameiam nas leitarias da moda, adora os cavalos e os cães como um antigo morgado de casa rica, e defende brava e inteligentemente as touradas, a semelhança do que já Oliveira Martins fizera, ao indicar esse espectáculo maravilhoso como digno de homens sãos, como o único susceptível talvez de enrijar uma geração de melados cheios de insexualismo e quejandas misérias! Todo este *Ao Sol* é a defesa do seu Ribatejo e da vida forte e seivosa que por lá se distruta: está empapado de luz e de vida e porisso lhe quero bem, até mesmo quando o autor defende o Caferro, a obra toda do seu comprovinciano Marcelino Mesquita ou, uma vez por outra, descuida — muito de leve! — a estilística... Há nêle capitulos que se lêem com enlêvo, como o *Ribatejismo*, *No monte da Amieira*, *A tradição portuguesa dos touros de morte*, *Lembrando Pina Manique*, e *Pancas*... Prosa cheia de nervo, de oiro do sol, e de perfume da lezíria, oh entanguidos moços do meu país! é desta que vocês deviam ler!

O sr. H. Santana de Oliveira acaba de publicar um livrinho de versos, *Bruma azul*, que é uma promessa, ainda balbuciente, daquilo que o moço escritor poderá ser um dia: através das suas indecisões e faltas vislumbra-se qualidades poéticas a que já não é para desprezar. O que seria bom é que o sr. Santana de Oliveira não aproveitasse para publicar quantos sonetos faz por ano: a mania que têm os moços de que hão-de ser sonetistas logo de entrada!...

Deve a nossa literatura ao sr. Agostinho de Campos alguns assinalados serviços e o menor não é por certo a reedição por elle feita das obras dos nossos maiores no domínio da literatura. Mas o sr. dr. Agostinho de Campos, cuja actividade como jornalista, professor e publicista é verdadeiramente febril, é também orador, não um banal e palavroso orador, mas sim uma daquelas criaturas que só se servem da palavra como veículo das ideas. É o que nos mostra a sua alucução, *A difícil arte de ser rico*, proferida em Fevereiro deste ano no Ate-neu Commercial do Porto, e na qual, servindo-se duma linguagem simples e elegante ensina, não a maneira de enriquecer mas sim a de saber usar da riqueza. Como se não entende connosco, infelizmente, limitamo-nos a agradecer a lição — fluente, tersamente literária — do que havemos fazer do nosso dinheiro quando Nosso Senhor, na sua infinita misericórdia, determinar que passemos da inicial e persistente penúria a condição de potentado da finança. Tudo pode ser. Até lá os nossos agradecimentos.

Resta-nos por último falar de *A vida dos municípios maranhenses*, opúsculo em que o sr. dr. Sousa Machado, juiz na capital do Maranhão expõe o que necessitam os municípios do Estado em questão e o que para isso fez. Está escrito sem pretensões e lê-se sem dificuldade.

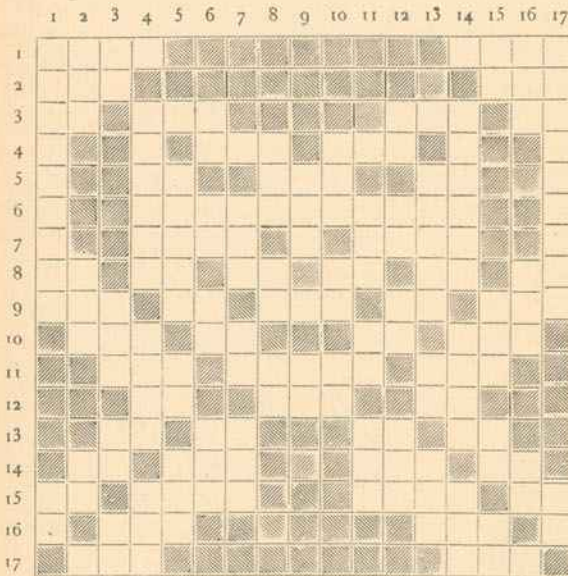
ALVARO MAIA.

Os livros enviados à nossa Revista, para referênciam nesta crônica, não devem vir subordinados a dedicatórias individuais.

P A S S A T E M P O

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)



Horizontalmente:

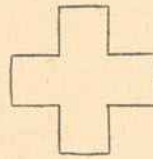
- 1 Música — gostar.
- 2 Via — preposição.
- 3 Batrachio — pecado — opereta — artigo.
- 4 Vogal — Vogal — criada — parente — consoante — consoante.
- 5 Consoante — advérbio — astro — nota — Vogal.
- 6 Vogal — muito afeiçoados — consoante.
- 7 Consoante — produto animal — artigo — ópera — consoante.
- 8 Nota — gemido — nota — do verbo ser — carta — extremidade.
- 9 Época — artigo — da bússola — artigo — pronome.
- 10 Liga — artigo — gemido — artigo.
- 11 Ilha das Malucas — cidade portuguesa — preposição.
- 12 Atmosfera — andavas — atmosfera.
- 13 Existe — preposição latina — pronome — pregão de aguadeiro.
- 14 Unidade — antes do pinto — advérbio — no moinho.
- 15 Preposição — acredite — golfo na Arábia — igreja.
- 16 Consoante — alimento — astro — consoante.
- 17 Inútil — no oceano.

Verticalmente:

- 1 Suburbio — prefixo árabe.
- 2 Via — reza — artigo indefinido — consoante.
- 3 Caminhava — amarro — preposição — utensílio.
- 4 Vogal — bipede — nos chapéus — dos anciães.
- 5 Vogal — no castelo — andar — rezo.
- 6 Nota — caminhar — isolado — pássaro.
- 7 Vogal — material de construção — pronome — faça mal.
- 8 Advérbio — artigo — estudei.
- 9 Emprêgo — vogal — ande.
- 10 Conjunção — prefixo árabe — artigo.
- 11 Vogal — andavas — artigo — tanto.
- 12 Nota — Nota — gemido — cidade do Wurtemberg.
- 13 Vogal — círculos — utensílio — advérbio.
- 14 Vogal — dentes — para tirar água — pronome.
- 15 Maldosa — oceano — artigo — nota.
- 16 Ligo — extremidades — artigo — consoante.
- 17 Atendeu — preposição.

A CRUZ E O QUADRADO

(Problema)



Com dois cortes direitos divide-se esta cruz em quatro pedaços, os quais, depois de unidos, formem um quadrado.

• • •

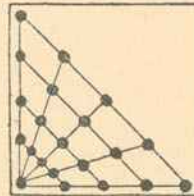
Eva: A Ida diz que tem vinte e quatro anos!

Sofia: Pois sim, mas não te esqueças que ela tinha sete quando aprendeu a contar.

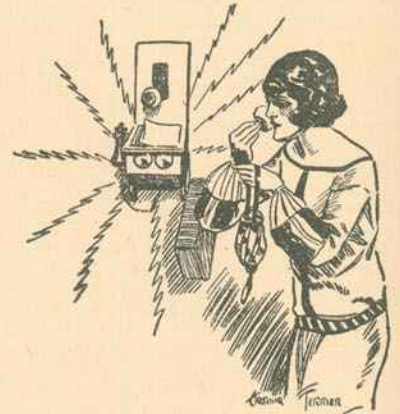
• • •

O P O M A R

(Solução)



PURO INSTINTO



• • •

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 16.º número)

P ¹	A ²	V ³	I ⁴	O ⁵	P ⁶	R ⁷	A ⁸	B ⁹	A ¹⁰
E ¹¹	G ¹²	A ¹³	S ¹⁴	B ¹⁵	A ¹⁶	T ¹⁷	A ¹⁸	S ¹⁹	
N ²¹	O ²²	E ²³	S ²⁴	O ²⁵	A ²⁶	A ²⁷	R ²⁸	E ²⁹	
S ¹⁸	S ¹⁹	D ¹⁹	I ²⁰	A ²¹	N ²²	A ²³	M ²⁴	I ²⁵	
A ²⁷	T ²⁸	A ²⁹	G ³⁰	D ³¹	L ³²	E ³³	T ³⁴		
V ³⁵	O ³⁶	L ³⁷	G ³⁸	A ³⁹	D ⁴⁰	S ⁴¹	O ⁴²	N ⁴³	E ⁴⁴
A ⁴⁵	M ⁴⁶	I ⁴⁷			I ⁴⁸	C ⁴⁹	S ⁵⁰		
P ⁵¹	E ⁵²	D ⁵³	O ⁵⁴	E ⁵⁵	A ⁵⁶	R ⁵⁷			
A ⁵⁸	I ⁵⁹	R ⁶⁰	A ⁶¹	V ⁶²	E ⁶³	R ⁶⁴	A ⁶⁵		
R ⁶⁶	O ⁶⁷	D ⁶⁸	E ⁶⁹	I ⁷⁰	A ⁷¹	N ⁷²	O ⁷³	S ⁷⁴	
E ⁷⁵	S ⁷⁶	A ⁷⁷	U ⁷⁸			G ⁷⁹	O ⁸⁰	R ⁸¹	A ⁸²



Procurem bem que hão de encontrar aqui mais seis passeantes.

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

ILUSTRAÇÃO

Por doença de seu antigo redactor, há já alguns números que esta secção foi suspensa, do que pedimos desculpa aos nossos leitores. Reestabelecendo hoje a sua publicação regular, que é de alternativa com a *Bibliographia Portuguesa*, — cabem-nos abrir este registo sumário com uma referência à *Coleccion Labor*, que de Barcelona nos foi gentilmente enviada e que consiste numa esplêndida série de manuaes, de prestimo entre todas as camadas do publico.

A biblioteca de iniciação cultural, que é o seu sub-titulo, define bem os intuitos da colecção: por ao alcance de toda a gente que tem curiosidades mentais súmulas dos diversos ramos do conhecimento, apresentadas de forma atracente e elaboradas por publicistas de boa reputação. De facto, desde os assuntos de pura arte até ás varias técnicas profissionais, tudo ali é versado com segurança e excelente metodo. Os cuidados graficos que os volumes denunciam são outro factor do seu merito. Muitas gravuras a negro e a cores lhes animam os textos.

Servindo de *specimen* da valiosa biblioteca, temos presente o volume *La Epoca de los Descubrimientos*, que tão de perto nos interessa. A sua autoria é do professor alemão Siegmund Günther, da Universidade de Munich, e a tradução para espanhol é devida a D. L. Martín Echeverría, professor do Instituto de Segovia. Com muitas illustrações da grande nitidez e dois mapas a cores, nas suas paginas apprehende-se uma ideia muito completa de quanto foi importante a colaboração dos povos peninsulares no descobrimento do mundo.

A Espanha dos nossos dias oferece a quem se dê a observá-la com olhos de ver um cativante espectáculo de actividade intelectual e artistica. Do alto expoente a atribuir a essa face da sua vida colhe-se boa nota no grande numero de revistas que, impondo-se tanto pelo esmero grafico como pela valia da materia dos respectivos textos, se imprimem na sua lingua.

Nesse significativo elenco acaba de allistar-se uma nova publicação, capaz de ombrear com as melhores que, lá ou fora do país, se publicam. Chama-se a recém-nada *Vida Nacional*, edita-se em Barcelona, e, sendo propriedade de D. Lorenzo Muscat Casanova, apresenta como seu director D. Luis Forcadell (García) e D. Corral e como chefe da redacção D. Antonio Fernandez Escobedo, isto é, pessoas tolas da mais reconhecida competencia.

Mensario deprendido d. toda a ideia partidária, somente o inspira o mais profundo amor á Raça Iberica, e disso nos convencemos logo pela leitura do seu caderno inicial, que excede 200 paginas impressas em bom papel *couche* e enriquecidas de nitidasimas gravuras. Impossivel é dar a sumaria dos seus artigos, tantos étes são e de tão variado assunto: actualidades, literatura, arte, sciencia, etc. Uma nota, sobretudo, nos feriu a atención ao folhearmos este numero da *Vida Nacional*: a frequencia com que aspectos da actividade portuense são ali tratados, e sempre numa desvanecedora atmosfera de carinho. Aliás, já nas palavras de apresentação da revista esta parte do seu programma se enuncia com clareza: «Para que la union comercial, y la comunión de ideales, entre Portugal y España sea un hecho. Y para que estos dos pueblos ricos, grandes y fecundos, unidos además por razones geográficas, sigan juntos la ruta heroica que el destino les ofrece».

Esta transcripção basta para recomendar a nova e excelente revista espanhola, por cujas prosperidades fazemos votos.

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

Extraímos da bibliographia franceza, a que mais larga expansão tem entre nós e a que, pela universalidade da sua lingua, desempenha o papel de intermediária entre todas as literaturas, as notulas seguintes, relativas ás obras mais recentes que, nos diversos generos, supomos poderem interessar o nosso publico:

LITTERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

- BOYLESSE (RENÉ) — *Les Deux Romanciers* — 10 fr.
BRINGER (KODOLPHE) — *Un joli jeune homme* — 10 fr.
CHAMPBAUD (FÉLICIEN) — *L'Amant des danseuses* — 12 fr.
CHARDONNEAU (LOUIS) — *Fièvre d'Afrique* — 10 fr.
DYRONNE — *Le mari de Gendrilla* — 12 fr.
FARRÈRE (CLAUDE) — *Le dernier Dieu* — 12 fr.
GERMAIN (JOSÉ) — *Le Roi des coqs* — 9 fr.
GUYON-FERRON (JEAN) — *Le Feu intérieur* — 10 fr.
HAMP (PIERRE) — *Une Nouvelle fortune* — 12 fr.
LORRAIN (JEAN) — *Maison pour dames* — 10 fr.
MAUBIAC (FRANÇOIS) — *Le Fleuve de feu* — 3 fr. 50
MAUBIAC (FRANÇOIS) — *L'Enfant chargé de chaînes* — 10 fr.
NOISAY (MADRICE DE) — *Le Triomphe du Maigre* — 9 fr.
PIET (CAMILLE) — *Cady Remariée* — 10 fr.
SAMUEL (PIERRE) — *Mon rabbin chez les riches* — 10 fr.

ISRAEL ZANGWILL



Grande romancista e dramaturgo inglês, falecido, aos 62 anos de idade, numa clinica de Mithurst, no dia 1.º de Agosto findo. Com elle desaparece o mais celebre dos escriptores israelitas contemporaneos. Desde muito novo apaixonado pelas letras, depois de publicar varios livros sem êxito de maior, a notoriadez principiu a basejá-lo com o *Bachelor's Club*, datado de 1891. No ano seguinte, o *Old Maid's Club* constituiu um vivo successo, decisivo na sua carreira litteraria. Mas onde a sua gloria mais se accentuou foi nas obras em que fez a pintura dos meios judaicos, como no *Children of Ghetto*, saído a lume em 1893.

Um dos seus ultimos trabalhos intitula-se *The Voice of Jesuralem*, que está traduzido em francez, o que também acontece com outras especies da sua copiosa bibliographia. Todas as suas paginas denunciam admiráveis faculdades de observação, humour e profundissima ternura pelos humildes. As mais comovenientes scenas do bairro israelita de Londres estão fielmente retratadas em muitos dos seus perfectos romances.

- TREICH (LÉON) — *Histoires pour la plage* — 5 fr.
VIOLIS (ANDRÉE) — *La Vraie Madame de la Fayette* — 9 fr.

ENSAIOS, ESTUDOS E CRÍTICAS

- CARCO (FRANÇOIS) — *Le Romar de François Villon* — 15 fr.
N. . . — *Chroniques*. T. I et II. Coll. *Le roseau d'or* — 30 fr. et 60 fr.
VARLET (THÉO) — *Calepin du chemeau* — 9 fr.

TEATRO

- DUPONT-VERNON (H.) — *L'Art de bien dire* — 10 fr.

LITTERATURAS ESTRANGEIRAS

INGLESA

- WILDE (OSCAR) — *De Profundis*. Précédé de *Lettres écrites de la prison*, par Oscar Wilde à Robert Ross. Traduites par Henry D. Davray — 10 fr. 50.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações ás consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 21,000	Escudos 42,000	Escudos 84,000
COLONIAS:			
Africa Occidental	» 22,000	» 44,000	» 88,000
Africa Oriental, India, Macau e Timor	» 24,000	» 48,000	» 96,000
ESPAÑHA	» 22,000	» 44,000	» 88,000
ESTRANGEIRO	» 32,000	» 64,000	» 128,000

ITALIANA

- GOTTA (SALVADOR) — *Lula* (mysticisne et sensuality) — roman, traduit par Marie Croci — 10 fr.

RUSSA

- TCHERKHOV (ANTON) — *Le Jour de Fête*. Trad. de Denis Roche — 12 fr.

HISTÓRIA

- DAUPHIN-MEUNIER (A.) — *La Commune hongroise et les anarchistes* (27 mars 1919 — 7 août 1919).
FOLEY (CHARLES) — *Femmes aimantes, femmes aimées* — 10 fr.
GALLIENI (MARÉCHAL) — *Mémoires du Maréchal Gallieni* — 20 fr.

BELAS-ARTES

- OULIE (MARTHE) — *Les animaux dans la peinture de la Crète Préhellénique* — 30 fr.
PICARD (CHARLES) — *La Sculpture antique de Phidias à l'ère byzantine* — 205 illustrations — 40 fr.
VANSEYE (JUSTAVE) — *Pierre Paul Rubens. L'Homme et l'œuvre* — 90 fr.
VÉDER (EUGÈNE) — *Paris*. 50 eaux-fort originales en couleurs — 400 fr.
WERTH (LÉON) — *Pavés de Chavannes* — 25 fr.

FILOSOFIA, MORAL E RELIGIÕES

- DEJEAN — *La perception visuelle*. Etude psychologique de la distance. Les conditions objectives — 35 fr.
FACHINETTI (R. P. Vittorino) — *L'histoire du Poverello d'Assise, racontée à la jeunesse* — 15 fr.
POINCARÉ (LUCIEN) — *Education, Science, Patrie* — 10 fr.

DIREITO

- CAIBAINAC (GASTON) — *La Nationalité de la femme mariée* — 50 fr.

MEDICINA

- POULOUÏET et BUCHE — *Gros ventre et Obésité-chez les arthritiques* — 10 fr.
CARNOT, TIPPENEAU (DR.) — *Les progrès récents en thérapie antituberculeuse* — 20 fr.
GHILINI (HECTOR) — *Le Secret du Dr. Voronoff* — 12 fr.
SERGIENT (EMILE) — *Novelles études cliniques et radiologiques sur la tuberculose et les maladies de l'appareil respiratoire*. 65 fr.

INFORMAÇÕES E CURIOSIDADES

O último livro de Claude Farrère, *Le dernier Dieu*, tem obtido grande venda em L'Esbois.
M. François Mauriac, cujo último livro foi objecto de criticas adversas por parte dos meios catholicos, anuncia um *Etude de Psychologie Religieuse: Le Tourment de Jacques Riviere*.

Amundsen, o commandante Noble e Ellis Worth, que, a bordo dum dirigivel, atingiram há pouco o polo, vão dar a publico um volume com as suas impressões de viagem.

Estão tendo grande voga as obras de Jack London, o suggestivo pintor dos *bas-fonds* de White Chapel. Os seus dois últimos livros encontram-se já traduzidos em francez: *Le Tourbillon* e *Le Peuple de l'Alme*.

Está a ser impressa a primeira versão dos *Miseráveis*, cujo titulo era *Les Misères*.

A propósito de Vitor Hugo: num leaflet effectuado há semanas em Paris foi vendida uma madeira de cabelos do grande escriptor francez, acompanhada desta dedicatória: «Pour toi, doux ange».

A venda dos manuscritos de Pierre Louys produziu quantia excedente a meio milhão de francos, cabi lo ad se da *Agérolide* de 5.000. Os leaflets de estudos o manuscrito de *Salomé*, de Oscar Wilde, pelo qual um coleccionador deu 135.000 francos.

Clemenceau é autor que não está ao alcance dos editores de modestos recursos: consta que, pelos direitos do livro que acaba de escrever, exige nada menos que 100.000 francos. Essa obra intitula-se *Au soir de la Pensée*.

Não tardará muito a aparecer a continuação do *Anatole France en Pantoisies*, em que Jean-Jacques Brousson forçou as portas do remome. Esta segunda parte chamar-se-á *L'itinéraire de Paris à Buenos Ayres*. Não só em França

há de esperada com impaciência; tendo sido já adquirida para a America e para a Inglaterra, sairá a lume nestes países ao mesmo tempo que na pátria do autor. Não deixa de ser curioso dizer-se que o *Anatole France en Pantoisies* se encontra já traduzido em sete linguas. O publico continua a ter, como se vê, uma gulosa predilecção pelas obras indiscretas, que roçam pelo escândalo...

BIBLIOTECA INFANTIL

As melhores e mais bonitas histórias
para crianças por escritores portu-
gueses e brasileiros.

.

*Profusamente ilustradas
a côres pelos melhores
artistas nacionais e
estrangeiros.*

.

Quereis brindar vossos filhos?
Quereis que tomem gosto pela leitura?
Quereis que aprendam a ler correntemente?

Dai-lhes, até aos 7 anos, os livrinhos:

NA TERRA E NO MAR
CONTOS GREGOS
BONECOS FALANTES

Dos 10 anos em diante:

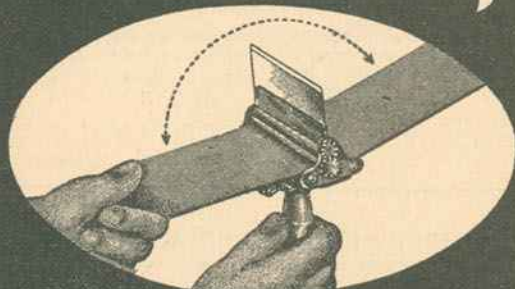
ROMANCE DA RAPOSA

Cada volume, brochado . . . 6\$00
» » com encader-
nação especial 10\$00

Pedidos a AILLAUD, LIMITADA
LIVREIROS-EDITORES

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Máquina de barbear "VALET" Auto Stop



Economisa continuas despesas de laminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

- 1º Dispositivo suavizador que permite dar à lâmina em dobl. segundos um fio finissimo sem haver necessidade de retirar a lâmina da máquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.
- 2º Graças à qualidade do aço as laminas podem servir 50 vezes ou mais, economizando continuas despesas de laminas novas.
- 3º A limpeza é extremamente facil, não havendo necessidade de retirar a lâmina nem de desparafusar ou desmontar nenhuma peça.

Agência: Lachaud, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa

GUILHERME ONCKEN

HISTÓRIA UNIVERSAL

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consigliere Pedroso* e presentemente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais scientifica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em lingua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc., etc. Impressa em esplêndido papel, hors-textes em papel couché, in-4.º. — Encadernação própria e cerca de 1.000 páginas por cada volume.

Já publicados: 91 tomos — 15 volumes.

Acceptam-se assinaturas desde o início, facultando-se a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qual-quer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada vol., enc.	65\$00
Cada tomo, br.	8\$00
Encadernação por cada vol.	25\$00
Capas para a encadernação	15\$00

Pedidos aos editores

AILLAUD, LIMITADA
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

RUGRA

E a melhor navalha de barba
É a melhor tesoura
E a melhor lâmina

À venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens e quinquilherias.

Se um estabelecimento não tiver tem outro

Almanaque Bertrand

para 1927 — 28.º ano

ÚNICO NO SEU GÉNERO EM PORTUGAL

À venda na segunda quinzena de Setembro

Pedidos aos editores

AILLAUD, LIMITADA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DÓRES DE CABEÇA PASSAM RAPIDAMENTE

COM AS
TABLETAS
DE



Veramon
SCHERING

que não atacam o coração nem causam
sono ou sensações de calor

Atenção: o empacotamento original
de 10 e 20 tabletas de 0,4gr

TINTA FAURE

Perfeitamente Preta

Não é ácida.

Não enferruja os aparos,

que por esse facto duram muito mais tempo.

Não cria bôrras

e por conseguinte não é preciso lavar os tinteiros periodicamente e perder tinta.

Seca quási instantaneamente

e evita o uso do mata-borrão.

Permite o uso de aparos ordinários nos stilógrafos evitando a compra dos aparos de ouro que são caríssimos.

Quando pelo facto de ausência a tinta seca no tinteiro, basta deitar água no dito tinteiro para tornar a ter a tinta perfeita.

DEITA-SE UM BOIÃO NUMA GARRAFA DE LITRO
E ENCHE-SE ESSA COM ÁGUA

Tinta fixa cada boião para 1 litro de tinta 6\$00

Tinta comunicativa ou stilográfica para 1 litro de tinta 8\$00

.....

Pedidos a AILLAUD, LIMITADA

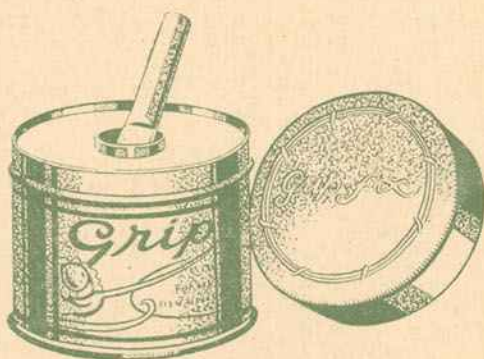
73. RUA GARRETT. 75 — LISBOA

A COLA IDEAL



É a cola mais económica, esplêndida em todos os sentidos e que se recomenda pelo aceio e limpêsa no seu uso, apresentada nuns pequenos boiões de alumínio com o respectivo pincel.

A *Grip-Fix* é a melhor cola, sem comparação com as outras vulgares e ordinárias, sujas e de difícil uso.



Um pequeno boião de alumínio com o depósito para o pincel substitui 5 frascos vulgares de cola líquida

POR SER SÓLIDA NÃO SE ENTORNA

Não se deve mais usar outra cola uma vez que se experimentou a **GRIP-FIX** — Preço 9\$00

Unicos representantes para Portugal e Colónias: AILLAUD, LIMITADA
25, RUA ANCHIETA — LISBOA

DEPOSITARIO NO NORTE: C. Diogo Machado — Rua Infante D. Henrique, 61 — PORTO